



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH) FACULDADE DE
EDUCAÇÃO**

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SACHA BIANCA MARTINS BELLO HONAISSER

A ESCOLA DA PONTE COMO ESPAÇO DA FORMAÇÃO PARA AUTONOMIA

Orientador: Prof^o. Dr^o Reuber Gerbassi Scofano

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL

ABRIL 2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH) FACULDADE DE
EDUCAÇÃO**

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SACHA BIANCA MARTINS BELLO HONAISSER

A ESCOLA DA PONTE COMO ESPAÇO DA FORMAÇÃO PARA AUTONOMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof^o. Dr^o Reuber Gerbassi Scofano

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL

ABRIL 2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH) FACULDADE DE
EDUCAÇÃO**

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A ESCOLA DA PONTE COMO ESPAÇO DA FORMAÇÃO PARA AUTONOMIA

SACHA BIANCA MARTINS BELLO HONAISSER

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada por:

Prof^o Dr^o Reuber Gerbassi Scofano

Prof^a Dr^a Marta Lima de Souza

Prof^o Jorge Ricardo Santos Gonçalves

**RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL
ABRIL 2016**

Dedico esta monografia, em primeiro lugar, a Deus pela infinita misericórdia por me guiar em todos os meus caminhos e por me ajudar a ser persistente.

Dedico ao meu Orientador Reuber Scofano por ter me inspirado ao longo de suas aulas a estudar mais sobre os métodos de ensino da Ponte.

AGRADECIMENTOS

Nenhuma batalha é vencida sozinha. No decorrer desses anos, algumas pessoas estiveram ao meu lado e percorreram este caminho como verdadeiros amigos, estimulando para que eu conquistasse esse sonho.

Acima de tudo, a Deus que está iluminando em todas as minhas caminhadas, sejam elas difíceis ou fáceis, sei que posso contar com o poder Divino. Só Ele sabe de todas as coisas. Amigo incondicional, meu maior ouvinte, que sempre me socorreu nos momentos em que mais precisei.

Agradeço à minha grande mãe Arminda Martins que é para mim um exemplo de dedicação e não mede esforços para me ajudar a buscar a vitória. Sempre me ensinou a ser uma mulher que não desiste e um ser humano com caráter, coragem e dignidade para enfrentar a vida. Uma mãe que sempre me deixou livre para seguir minhas escolhas, sempre aconselhando a seguir o melhor caminho.

As minhas avós Maria do Céu e Lenor Freitas, que me deram todos os mimos que puderam, sempre me dando palavras de conforto nos momentos difíceis.

Agradeço a minha tia Ana Isabel, que foi uma das grandes responsáveis pela minha aprendizagem, buscando das maneiras que pôde ajudar.

Ao meu Pai Tulio Honaiser, que me passou esse gênio forte de ter garra e persistência. Sempre me incentivando e apoiando por um futuro promissor.

Aos meus amigos que me incentivam e aconselham de diversas maneiras em todos os campos da minha vida, ouvindo abertamente aos meus desabafos e angústias: Rafael Richard e Carlos Alvarenga.

Agradeço ao meu Orientador Profº Drº Reuber Scofano, por ter me inspirado durante suas aulas para que eu pudesse escolher esse tema. Pelo incentivo e presteza no auxílio às atividades, principalmente sobre o andamento e normalização deste Trabalho de Conclusão de Curso, onde seus conhecimentos foram compartilhados.

Aos meus amigos da faculdade, que estiveram nessa jornada de estudos e trabalho durante esses longos anos, colaborando para meu aprendizado, em especial Patrícia Dornellas e Thiago Lopes.

Agradeço aos demais Professores da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, campus Praia Vermelha, que foram responsáveis pelo meu crescimento intelectual.

Agradeço a Escola da Ponte por ter aberto suas portas para que eu pudesse conhecer um pouco mais dessa escola que inspira muitos docentes.

Enfim, agradeço a todos que colaboraram direto ou indiretamente nessa minha formação.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.”

(Paulo Freire, 1989, p.39)

Resumo

A presente monografia trata de uma escola totalmente diferente de todas modalidades tradicionais de escola. Nessa escola não há séries, turmas, aulas, testes, manuais. Não existem salas de aula, como estamos acostumados, e sim “lugares” onde cada aluno procura pessoas, ferramentas e soluções para o seu desenvolvimento e aprendizado. Nesses “espaços” testam seus conhecimentos e convivem com os demais alunos. São os “espaços educativos” e são designados por áreas ou pavilhões. Nesses espaços, os alunos formam grupos de acordo com seus interesses comuns e desenvolvem projetos de pesquisa. Existem também os estudos individuais, depois compartilhados com os outros colegas. Os alunos podem recorrer sempre a qualquer professor quando necessário. O objetivo do trabalho é de apresentar de forma bastante aprofundada o cotidiano dessa escola e como se dá sua prática pedagógica especialmente no que tange à formação de alunos autônomos. O referencial teórico do trabalho foi baseado na obra de Rubem Alves educador e filósofo brasileiro e José Pacheco pedagogo e criador da Escola da Ponte. A monografia se completa com uma análise de suas práticas apontando como elas preparam alunos críticos e autônomos.

Palavras chaves: Escola da Ponte. Autonomia. Desejo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MINHA VISITA À ESCOLA	11
3. HISTÓRICO DA ESCOLA DA PONTE	12
4. APRESENTANDO A ESCOLA DA PONTE.....	14
4.1. Escola de todos.....	15
4.2. Projeto	16
4.3. Objetivos da Escola da Ponte	18
4.4. Aspectos Organizacionais.....	20
4.5. Aspectos Curriculares e Pedagógicos.....	21
4.6. Núcleos.....	22
5. COTIDIANO	25
5.1. Participação dos estudantes na gestão da escola.....	27
5.2. As aprendizagens acadêmicas.....	29
5.3. Instrumentos pedagógicos utilizados.....	31
5.3.1. Quadros de ajuda	32
5.3.2. Computador do “acho bom” e do “acho mal”	33
5.3.3. A assembleia.....	33
5.3.4. Os debates.....	34
5.3.5. Quadros de ajuda	34
5.3.6. Caixinha dos segredos	34
5.3.7. Caixinha de textos inventados	34
5.3.8. O quadro de direitos e deveres.....	34
5.4. Avaliação	36
6. A ESCOLA DA PONTE COMO PRODUTORA DE AUTONOMIA	38
6.1. Os próprios alunos apresentam a escola para os visitantes	38

6.2. Os alunos em projetos quinzenais escolhem o seu tema de pesquisa e se agrupam por afinidade relativa a tal tema e não por faixa etária com o seu respectivo grau de desenvolvimento cognitivo.....	38
6.3. Assembleia	39
6.4. Os alunos participam do processo de avaliação	40
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXO A – Entrada da Escola – Plantação com garrafas pets	47
ANEXO B – Mural dos direitos e deveres	48
ANEXO C – Direito de votar	50
ANEXO D – Hino da Escola da Ponte	51
ANEXO E – Plano da Quinzena do Núcleo de Consolidação.....	52
ANEXO F - Mapa dos Objetivos de Língua Portuguesa	56
ANEXO G – Perfil de Transição dos Núcleos.....	60
ANEXO H – Mural do dispositivo Eu já sei/ Preciso de ajuda	63
ANEXO I – Mural do dispositivo Acho Bem/ Acho Mal	64
ANEXO J – Assembleia.....	65
ANEXO K – Direito e deveres.....	66

1. INTRODUÇÃO

Senti-me interessada por esse tema desde que ele me foi apresentado em uma das minhas aulas no curso de Pedagogia, na disciplina de Avaliação. Nesta aula foi falado que havia uma escola em Portugal, que não trabalhava com séries, avaliações finais para medir o desempenho dos alunos. Para o meu espanto, depois de tudo que já ouvi e pesquisei, acredito que é possível fazer uma escola distinta das tradicionais.

O educador português, José Pacheco, iniciou um projeto educativo inovador na “Escola da Ponte”, situada em Portugal, baseado na autonomia dos estudantes. Inspirado na pedagogia Freinet, que era completamente contra os métodos tradicionais, ele não queria uma escola nova, mas sim renovar a escola pública.

Essa escola com uma concepção pedagógica radicalmente diferente da concepção tradicional, ao invés de produzir um aluno repetidor, formatado e sem iniciativa acaba por formar alunos criativos, ousados e, em suma, autônomos.

Nesse sentido surgiu em mim uma questão que de certa forma permeou a elaboração dessa monografia: que características do cotidiano escolar da escola da ponte favorecem a produção de alunos autônomos? Para responder essa pergunta não somente fui visitar a escola durante um dia no período de Junho de 2014, como também consultei um amplo material de educadores que apresentam o projeto pedagógico da Escola da Ponte.

Entre os autores que deram sustentação teórica ao trabalho posso citar Rubens Alves e o próprio fundador da escola de José Pacheco. O objetivo então do trabalho foi ficando cada vez mais claro: demonstrar através do relato das atividades no cotidiano nessa instituição e como eles facilitam a preparação de alunos autônomos.

O trabalho se justifica pela atualidade do tema tendo em vista que a autonomia é um tópico que tem sido desenvolvido por diversos educadores que a consideram fundamental para a formação de cidadãos aptos a exercer sua cidadania e direitos democráticos.

Quanto à metodologia, a opção foi de cunho bibliográfico, pois as observações que fiz na escola não foram acompanhadas de questionários ou preenchimento de cadernetas de campo, dados que possibilitariam uma pesquisa de natureza quantitativa.

Nesse sentido, a pesquisa consistiu num amplo estudo bibliográfico que, sem dúvida, foi marcado também por minha visita a este espaço pesquisado.

2. MINHA VISITA À ESCOLA

Um certo dia de 2014, minha mãe me comunicou que iríamos para Europa. Dentre os países que estavam na programação constava Portugal, terra natal dos meus avós. Fiquei bem animada com a viagem, afinal, eu iria conhecer a tão famosa Escola da Ponte.

Algumas semanas antes de embarcar para Portugal, mandei e-mail para a Escola, agendando assim, a minha visita para o dia 09 de Junho às 09h00min.

Cheguei a Lisboa à noite, no dia seguinte seria a minha visita. Precisei acordar às 5 da manhã e pegar um trem por cerca de 3 horas até o Porto, e depois pegar um taxi até a Escola. Finalmente iria conhecer um pouco dos métodos da escola, o âmbito escolar, as arrumações das salas, os painéis, os alunos etc.

Na entrada do colégio havia uma exposição de plantas com garrafas pets. (Anexo A) Uma funcionária da secretaria nos recepcionou, perguntando meu nome e conferindo na listagem de visitas que se encontrava em um mural e nos informou que os visitantes também tinha regra (Anexo B). Pediu que aguardássemos e logo em seguida apareceram duas crianças (uma de 9 e outra de 8 anos) que começaram a nos apresentar a escola. Minha admiração, diante da importância dada, pela Escola, a palavra e à participação das crianças foi primeiro impacto a respeito da autonomia. As crianças da Ponte são encorajadas desde cedo a participarem e a dialogarem, apreendendo a importância de compreender “o que fazem e por que fazem”, logo, se as crianças sabem o que fazem e por que fazem, fica fácil apresentarem a escola e o seu projeto com desenvoltura, fundamentadas pelas suas vivências e pela aprendizagem da cidadania.

Primeiro passamos pelo núcleo de iniciação, uma sala de aula com umas 10 crianças em média 6 anos. Elas estavam fazendo atividades artísticas com o auxílio de uma professora e uma auxiliar.

Prosseguimos então para as outras salas e me deparei com alunos sentados em grupos, mesas separadas uma das outras, armários com livros pelas laterais das salas. Continuamos pelas outras salas e os alunos nos mostraram uma ala de computadores e uma outra sala com crianças pintando quadros.

A visita continuou sobre a orientação dos guias mirins e fomos levados a um pátio onde se desenvolvem esportes e atividades de recreação. A escola em outro andar, que não tive tempo de visitar abriga os alunos de faixa etária maior onde se desenvolvem os projetos de pesquisa dos mais variados temas por grupos que são orientados por tutores.

3. HISTÓRICO DA ESCOLA DA PONTE

Faltando ainda um quarto de século para o fim do século XX, aparecia em Portugal, na pequena Vila das Aves, a 45 minutos de trem do Porto, uma outra maneira de se fazer funcionar uma escola, algo diferente daquela que se estruturou após a revolução industrial.(PACHECO, 2014, p.9)

José Pacheco foi o educador que comandou juntamente com outros colegas o processo de criação da Escola da Ponte. Iniciou sua carreira docente no ensino básico em 1972, e como professor da Escola da Ponte iniciou o seu trabalho em 1976. Foi o principal propulsor do projeto “Fazer a Ponte”. É licenciado em Ciências da Educação e Mestre em Educação da Criança pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

A história da Ponte é bastante diferente das demais escolas. Ao longo de trinta anos, os professores vêm construindo um projeto educativo para todos aqueles que defendem a possibilidade de se criar uma escola pública de qualidade aberta a todos.

A Escola da Ponte se destaca não somente no cenário português, mas em vários outros países, pela singularidade e persistência de como organiza e aplica o seu projeto educativo, voltado à valores de democracia, de cidadania e de justiça, envolvendo toda a comunidade local e a Associação de Pais que participam de todas as decisões e defendem a escola perante o governo, garantindo assim que o projeto irá continuar.

Edificada no ano de 1932, pode-se se dizer que nos dias atuais, a Ponte em quase nada lembra a sua origem. Mudou radicalmente suas instalações físicas, mas também a concepção pedagógica e o seu próprio projeto- político- pedagógico que acabou sendo designado Fazer a Ponte. As peculiaridades desse projeto tiveram início em 1976, e a partir daí a escola passou a ter bastante visibilidade, chegando ao ponto de receber milhares de visitantes por ano.

Por vinte e cinco anos, a Escola da Ponte trabalhou apenas com o 1º ciclo (até o quarto ano), o que foi importante para a consolidação das bases do seu projeto educativo. A partir do ano de 2001, foi introduzido aquilo que no Brasil nós chamamos de Fundamental 2. (PACHECO, 2014, p.73)

Até o ano de 1976, a escola era como qualquer outra de 1º a 4ª série. Cada professor ficava isolado em sua sala com a sua turma e seus métodos, sem comunicação ou projeto comum. O trabalho era baseado na repetição de lições. Porém naquele ano, iniciou-se a “revolta” da Ponte, quando três professores resolveram juntar todos os noventa estudantes. Os pais foram chamados e ficaram cientes do novo projeto, na qual defendiam o modelo que vigora até os dias atuais. O objetivo era promover a autonomia e a solidariedade.

Uma parte do texto, retirado do projeto Fazer a Ponte (1996), esclarece a origem do nome da Escola: A Escola da Ponte fica situada, como o topónimo o indica junto a uma das

pontes que, desde tempos imemoriais serviu para transpor o rio Vizela, explicando assim que o nome dado foi pela proximidade do seu prédio de uma das pontes da cidade. Porém podemos pensar também na escola que se faz ponte para a formação integral do Homem e a democratização do conhecimento.

Servir é o desafio da Escola da Ponte. O método utilizado por essa escola baseia-se em três valores: a liberdade, a responsabilidade e a solidariedade. É uma escola que propõe a inclusão de todas as crianças e que tem como quatro pilares: Projeto, Liderança, Equipe e Famílias.

4. APRESENTANDO A ESCOLA DA PONTE

A Escola da Ponte esteve durante muitos anos (1976 – 2013) em Vila das Aves, onde as instalações eram muito pequenas, pois foi pensada para acolher alunos dos primeiros quatro anos de escolaridade. Depois, por imposição do Ministério da Educação, foi construído um novo edifício em S. Tomé de Negrelos onde estão agora e há atualmente 213 alunos.

Neste edifício, há dois andares. No andar térreo encontra-se a Iniciação, onde as paredes são removíveis que permitem alterar o tamanho dos espaços conforme as atividades que se realizam. Um dos espaços está destinado aos alunos que estão em transição, para aqueles alunos que iniciaram a escolaridade em outra escola, possam adquirir alguns hábitos de trabalho, passando assim para o plano de desenvolvimento.

No primeiro andar, encontra-se o núcleo Consolidação e Aprofundamento, onde as paredes também são removíveis conforme as necessidades. Em todos os núcleos é possível dividir as paredes amovíveis em quatro salas.

A escola proporciona ambientes diversificados. Existe um ambiente polivalente, um espaço onde ocorrem as atividades artísticas, o ginásio, refeitório, e vários espaços menores que são utilizados para as atividades que envolvem menos alunos ou para reuniões. Há também os espaços administrativos e uma área arborizada ao lado de fora, que assim como o refeitório e o ginásio, são compartilhados com outra escola.

Em todos os espaços os estudantes trabalham Matemática, Ciências e as demais disciplinas do currículo, conforme os seus planos. Nas estantes e bancadas existentes nos espaços há materiais disponíveis para serem utilizados. (PACHECO, 2014,p.73)

Em vários ambientes da escola, pode-se notar equipamentos de informática com acesso à internet, materiais diversos, livros bibliográficos, salas com equipamentos de laboratório.

Os computadores estão espalhados pelos espaços de trabalho, acessíveis para crianças e adultos (professores, coordenadores), que agendam para fazerem uso, num registro próprio afixado ao lado do computador. Não há sala específica para os computadores. Quanto ao número, há espaços com seis computadores, outro com três. (PACHECO, 2014, p.75)

Os computadores na Ponte servem para pesquisas na internet, processos de textos, criação de apresentações dos alunos e também para manterem correspondências com amigos através do correio eletrônico. Não existem “aulas de informática” na Escola. Essa tecnologia serve de pesquisa e aprendizagem.

A maneira como estão organizados os ambientes estão de acordo com o modelo pedagógico que desenvolvem e privilegiam a comunicação, libertando os alunos da rigidez dos ambientes tradicionais, auxiliando as relações entre todos os alunos. Os alunos entram às 8h30 e saem às 15h30. Alguns frequentam atividades depois desse horário. (Desporto Escolar...).

4.1. Escola de todos

O projeto Fazer a Ponte assemelha-se ao projeto Escola do Povo, sugerido nas primeiras décadas do século XX e que se sustentam até hoje, através dos Movimentos de Escola Moderna espalhados por vários países, inclusive em Portugal e no Brasil.

O projeto pedagógico da pedagogia de Freinet propõe a libertação da sociedade oprimida, quanto às definições da burguesia opressora. A situação é que as classes menos favorecidas estão nas escolas de rede pública, que serve a todos.

Para Freinet, se a minoria burguesa e o clero tinham a sua escola, a maioria da população também tinha o direito de construir a sua, com autonomia, atendendo aos seus próprios interesses e não aos interesses do capital. Erguer as bases e as técnicas de ensino e aprendizagem da escola do povo traduziu contrapor-se à ideologia dominante que permeava o período de ascensão do capitalismo. Freinet buscava construir a escola do conjunto das pessoas pertencentes às classes menos favorecidas.

A escola para o povo se trata de uma escola concebida sem a participação do alto clero, mesmo que a eles fosse oferecida, demarcando assim, a nítida existência da luta por uma escola que atendesse a população menos favorecida economicamente.

Em relação às propostas político-pedagógicas humanistas e cidadãs como a de Célestin Freinet, centradas no respeito à criança, a Escola da Ponte foi à frente. Assim como Freinet, Machado, J.P. (2005,p.161) se manifesta também sobre o idealizador do projeto Fazer a Ponte “[...] alma deste modelo pedagógico, mas também o para-raios de: toda polêmica, foi (e tem sido) o professor José Francisco de Almeida Pacheco”. O autor fala da autenticidade externa do José Pacheco: “[...] professor que, quer se goste ou não, goza de grande reputação entre os setores nacionais e estrangeiros ligados à Educação”.

De frente com os desafios atuais, se torna visível a necessidade de (re) significarmos o projeto da escola do povo de Freinet, para promover o fortalecimento os projetos das escolas públicas para torna-las escola de todos e não somente escolas destinadas aos que não podem pagar uma instituição da rede privada.

A escola do povo não se trata de uma escola determinada apenas para uma parte da sociedade e sim de uma escola para todos que pressupõe ser de qualidade e democrática, atendendo assim, ao público.

A Escola da Ponte tem feito um caminho semelhante com a escola de todos. Atende crianças e adolescentes oriundas de famílias estruturadas economicamente, trabalhadores assalariados, filhos de pais desempregados e alguns que vivem em orfanatos. José Pacheco, educador e idealizador do Projeto Fazer a Ponte, em suas entrevistas, costuma destacar: “Na Ponte estudam as crianças rejeitadas por outras escolas, seja por problemas comportamentais, seja porque nessas escolas não apreendiam ou porque necessitam de atenções educativas especiais.”.

Os profissionais, pais e mães de estudantes referem-se à Ponte como sendo uma escola diferente. Algumas características realçadas nesse diferencial, em relação às outras escolas, estão: uma identidade institucional que é vista na vivência do projeto político pedagógico; autonomia pedagógica e administrativa da escola; a influência do pedagógico sobre o administrativo, prática de uma pedagogia solidária que inclui um quadro de dispositivos pedagógicos; condição para cidadania; presença dos pais em defesa do projeto da Escola.

A Ponte modificou a sua forma de organização através do seu projeto, desenhando um paradigma para se tornar inclusiva, construiu dispositivos pedagógicos, se tornando, assim, diferente das outras escolas. Ausentar-se das padronizações e do modelo hegemônico de escola, visando a uma intencionalidade político-pedagógico, parece ser o motor da Escola da Ponte.

4.2. Projeto

Um projeto pressupõe uma prática inovadora e uma harmonia concreta entre a escola e a comunidade que se encontra inserida [...] o espaço de ação, alargou-se, saímos das quatro paredes da escola atuamos com e para comunidade. (PACHECO, 1997 apud PACHECO, 2010, p.70)

O projeto é a condição que o coletivo de pessoas propõe para fazer e refazer percursos, encontrando as suas próprias respostas para a comunidade. O projeto da escola é uma obra humana em estado de aperfeiçoamento permanente, com base nas necessidades da realidade e nos problemas de cada momento. De acordo com Rousseau (2002, p. 85): “Em todo tipo de projeto, devem ser consideradas duas coisas: em primeiro lugar, a excelência absoluta do projeto, em segundo, a facilidade de execução.”.

O projeto Fazer a Ponte investe na capacidade de ser adaptado em respeito às diferentes necessidades das crianças. Acredita-se que as principais razões que têm atraído a atenção de vários educadores brasileiros são por ser uma escola diferente, com um projeto de inclusão, de formação na cidadania. O projeto é realmente um dos pilares da Ponte para a escola de todos, com uma busca permanente da autonomia, que não é outorgada, mas construída, gestada no processo de educação política.

Há aspectos favoráveis e desfavoráveis na visibilidade da Ponte. Os anos na ilegalidade asseguraram a sua auto-organização, consolidação conceitual e a consequente implementação de uma cultura escolar. Porém, enquanto a visibilidade trazia prestígio social sendo favorável ao projeto da Ponte, provocou nos opositores das práticas libertadoras o incômodo de quem sofre na repetição das velhas práticas e a vontade do Ministério da Educação em extinguir a Escola.

As distintas conjunturas políticas também estabelecem os momentos de sossego e crise da Escola da Ponte. O contrato de Autonomia assinado com o Ministério da Educação, no ano de 2004, inaugurou uma fase de ruptura com a instabilidade imposta pelas oscilações no poder público. Neste sentido, mesmo que haja mudança no Governo, o Contrato de Autonomia defende a Ponte. De acordo com Machado (2000, p.39) “nossos projetos nos sustentam, sendo sustentados, por sua vez por uma arquitetura de valores socialmente acordados.” A afirmativa ressaltada pelo autor, vai se fortificando, ao passo que se tenha olhos ao caso pontista, podendo constatar que o projeto da Escola tem sido consequência de uma história marcada por rupturas, mas também pela continuidade das práticas que se mostram recíprocos com os seus princípios e valores matriciais.

A atitude de mudanças no instituto não é uma das tarefas mais fáceis, considerando que há outras instituições que não sobreviveram por muito tempo. A Escola da Ponte se libertou dos métodos tradicionais de organizar e construiu uma cultura escolar baseada na autonomia concebida nos processos de ensino e aprendizagem e a relação do professor/aluno.

As bases do projeto foram consolidadas com as frequentes reuniões com os familiares e professores, com o objetivo de formar as equipes, havendo discussões voltadas à definição do perfil do professor e do aluno em um processo coletivo. Os alunos que não mostrassem algum indicador de autonomia não poderiam ser colocados em situações de autonomia; professores que não mostrassem indicadores de solidariedade na equipe, não poderia agir, sendo solidário.

A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar,

simultaneamente, o papel de formador e formando. A construção de dispositivos de formação assistida e participada, através da diversificação das modalidades de apoio e de consultoria, favorece a elaboração de projetos pessoais de formação. (NÓVOA, 1991, p.71).

Faz-se necessária uma ruptura com a cultura escolar que é alimentada pela individualidade entre os educadores e a submissão das crianças frente aos adultos, quando se remete ao projeto que tem por finalidade fazer a ponte para a escola de todos. Na Ponte, houve essa quebra, para que os educadores possam interagir co-responsabilizarem pelo sucesso do projeto coletivo e às aprendizagens das crianças.

Ao longo dos trinta anos, a construção do projeto tem como questão central, a prática da cooperação. Cooperação que promove diálogos entre os alunos, educadores, família, escola e sociedade, colaborando sempre para a aprendizagem para cidadania, porém não sendo imune aos conflitos.

4.3. Objetivos da Escola da Ponte

O projeto “Fazer a Ponte” tem como denominação a indicação da Ação (Fazer) e do objetivo (a Ponte). Esta denominação é esclarecida pelo José Pacheco: Esta escola pretende ligar e compatibilizar todas as dimensões que fazem parte da educação inserida dentro da própria escola. Tal como o próprio nome – Fazer a Ponte – indica: construir a ponte entre a escola e a comunidade, apostando em métodos inovadores e aprendizagens diversificadas.

O projeto tem como finalidade, formar cidadãos responsáveis e informados pelo o que é aprendido. As palavras e atos dos agentes educativos, tornando as crianças mais e felizes e solidárias se fazem como a meta final do projeto.

A solidariedade, participação, a realização pessoal, autonomia social e cognitiva são as finalidades educativas, que são concretizadas através do respeito pela diferença, reconhecimento individual através do estabelecimento de interação de todos os envolvidos no projeto e igualdade de oportunidades educativas.

“No contexto de um projeto de formação, é o sujeito que se constrói na atribuição de significado ao conhecimento coletivamente produzido. Num grupo de projeto há sempre produção de mudança e formação, ainda que não intencional”. (PACHECO, 1993, p.8)

O primordial desse Projeto não é preparar para os exames, e sim educar, ajudar as crianças a se realizarem como pessoas. O professor induz a todo o momento as crianças no esforço de compreenderem e aplicarem os conhecimentos e as informações.

As práticas educativas fortificam o progresso pessoal e social do aluno, desenvolvendo um projeto que atende a diversidade, trazendo o reconhecimento das experiências socioculturais das crianças, sendo, então, uma escola inclusiva capaz melhorar a autonomia pessoal e social que se torna indispensável na formação dos cidadãos.

O projeto pedagógico da Escola da Ponte visa a impulsionar o sucesso de uma escola inclusiva, onde os alunos lidam com todos os professores numa cooperação mútua, sendo base essencial para a educação e para a cidadania.

Diferente em muitos aspectos. Numa primeira olhada destaca-se o que não tem: não tem aula, não tem turma, não tem série ou ano e, portanto, ninguém ali repete o ano assim como ninguém ali “passa de ano”. Crianças não vão ali para assistir aulas: vão para estudar e aprender. Professores não aplicam provas, e consequentemente alunos não fazem provas, professores então também nem corrigem provas e nem dão notas. (PACHECO, 2014, p.9)

A forma natural de estruturar os estudantes, os espaços, os tempos, a distribuição da equipe, a realização da avaliação e a definição dos progressos e, sobretudo, a sua metodologia, que rompe a concepção do ensino tradicional, com aulas, alunos enfileirados, professores ditando os conteúdos, entre outros dispositivos que evidencia o estágio de superação com um ciclo da escola aos determinismos da burocracia. Com o apoio das Famílias dos estudantes e da equipe, a Escola conseguiu implementar o seu próprio projeto, posicionando o pedagógico no topo.

Segundo as reflexões de Machado, R. (2005, p. XIV) “o poder não é algo que se detém como uma coisa; como uma propriedade que se possui ou não. [...] Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. [...] Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação”, convicções que o autor constrói com base nos estudos de Foucault (2005). É dessa forma que o poder toma forma em projetos educacionais inclusivos.

Em um projeto como o da Ponte, só faz sentido o poder da criação. [...] todos têm o poder de intervir, todos tem o poder de construir.”.

Na Ponte não existe poder. São tarefas diferentes, com responsabilidades diferentes.

Para assegurar a viabilização de seu projeto, os professores da Escola da Ponte viram-se compelidos a conviver com a incompreensão das hierarquias, entre “viciação de dados”, em mapas estatísticos e as pressões de colegas de profissão, por terem chegado à compreensão de que “para poder agir com o sistema é necessário em primeiro lugar compreendê-lo [...] agir com o sistema e não contra o sistema. (CROZIER, 1982, p.75)

4.4. Aspectos Organizacionais

Na Ponte não existe um professor para cada turma, não há uma divisão de alunos por faixa etária ou anos de escolaridade. Os grupos não são homogêneos, os graus de dificuldade e os níveis de desenvolvimento são distintos e refazem-se quando novos grupos surgem. Os grupos mudam o tempo todo em função das aprendizagens e dos planos de ação que tem como apoio os professores.

“Esse sistema de “classes” separa os níveis de “aproveitamento” e inviabiliza a organização de grupos heterogêneos, reduzindo o número de alunos por turma e as possibilidades de trabalho em equipe de professores.” (PACHECO, 2010, p.170).

Os critérios de reorganização dos grupos não são referenciais, apenas, ao rendimento, ao domínio de competências, a expectativas ou a objetivos instrumentais. Originam-se das avaliações que antecedem os momentos de reorganização. Em cada grupo, a gestão flexível dos espaços educativos e dos tempos proporciona momentos de trabalho em grupos pequenos e individuais, momentos de participação coletiva, momentos de ensino mútuo se faz presente. Porém, com o objetivo de finalizar o projeto, trabalham individualmente ou em grupo, funcionando como um todo.

Os educadores organizam um plano quinzenal, com projetos e objetivos gerais a serem desenvolvidos, reproduzindo altas expectativas em curto prazo, referindo-se aos maiores objetivos que cada aluno possa atingir que, após isso, é finalizado por professores, mobilizando assim o trabalho em equipe.

Este espaço ajuda a organização escolar às diferenças individuais e à contínua obtenção de conhecimentos; estimula o aumento de contatos pessoais e sociabilização, ajuda nos vários tipos de didáticas e pedagogia, colaborando com as formas de trabalho dos alunos.

Todos os dias, cada aluno faz o seu plano que cumpre e avalia, sendo analisado pelo professor/tutor. Os alunos decidem as atividades que irão realizar durante quinze dias ou em cada dia. Sempre ao final dos quinze dias ou do dia, eles mesmos avaliam os seus planos individualmente ou em grupo. Cada aluno e cada grupo escolhe com quem e onde trabalhar.

É através das suas curiosidades que surgem os projetos, que trocam ideias em grupo e consensualmente escolhem o tema que desencadeará várias aprendizagens das diferentes valências. A partir daí, vão colocando no plano o que precisam aprender para desenvolver esse projeto. (PACHECO, 2014,p.72)

Nos casos em que o aluno não compreenda, o professor-tutor a orientará, ou comunicará com o professor da valência em questão, para “negociar” com o estudante.

Os planos de estudos apresentam uma grande coerência entre as atividades e os objetivos. Para uma função integrada e flexível do currículo, a Ponte tem como recurso o debate, onde os alunos leem para os outros as novidades, jornais diários, discussões sobre determinados temas já estudados previamente por todos e aula solicitada pelos alunos e estabelecidos pelos professores.

O clima de aprendizagem na Ponte é encorajador e convidativo. As aprendizagens são diversificadas e ativas, tem como objetivos a cooperação, responsabilidade, autonomia, cidadania, solidariedade, construção e reconstrução, apresentando bem os fundamentos e controlados pelos professores e alunos.

Todas as atividades realizadas enquadram num processo que estão nos interesses e motivações dos alunos aos objetivos dos professores.

4.5. Aspectos Curriculares e Pedagógicos

O processo de aprendizagem se processa de várias formas, principalmente pela pesquisa e pelo trabalho em grupo, com a auto avaliação.

Segundo os educadores da Ponte, todos os alunos estudam o que querem como querem e o que querem; os manuais escolares são substituídos pela biblioteca, Assembleia dirigida pelos alunos, a avaliação é feita a pedido pelo aluno com rejeição dos testes tradicionais, disponibilidade dos professores para respostas individuais e diferenciadas, organização dos espaços e das aprendizagens não limitadas às salas de aula e a turmas diferenciadas, participação ativa dos pais no projeto da Escola. (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

O currículo é direcionado aos interesses do aluno, nas necessidades percebidas pelos professores. Diferente das outras escolas, o projeto da Escola da Ponte não visa à concretização de um currículo centrado nos conteúdos disciplinares, entretanto, mesmo que seja enfatizado o processo da aprendizagem e do desenvolvimento, existe a consciência de não descartar os conceitos, conteúdos dos conhecimentos declarativos.

“Os planos se desenvolvem, essencialmente, a partir de temáticas do estudo do meio ou biologia, por exemplo, o estudo específico dos conteúdos de língua portuguesa e matemática surgem paralelamente e, por vezes, sem ligação com o tema aglutinador da quinzena, centrado no tratamento dos objetivos e conteúdo dos programas oficiais e diretamente acrescentados pelo professor no plano de cada aluno, na maioria dos casos.” (COCHITO, 1999, p.195).

O currículo não é limitado ao conjunto de disciplinas da Ponte, mas ao conjunto de atividades já programadas pela Escola.

Na Ponte, procura-se integrar o currículo à disciplina com um sentido comum, tendo como princípios a solidariedade, colaboração, participação com autonomia e comunicação permanente. Isto é, procura-se uma integração curricular na educação na cidadania, bem como alguns autores defendem (BEANE, 2002), e as próprias normas curriculares recomendam.

Os programas são respeitados de acordo com as áreas de aprendizagem e aos níveis, mesmo não havendo qualquer divisão por anos de escolaridade. Isto é, após a iniciação, todos os alunos trabalham em conjunto, de acordo com as suas capacidades, sempre com a orientação dos educadores. Cada tutor conduz a evolução de um grupo de alunos e depois registram a avaliação do cumprimento dos objetivos considerados fundamentais, onde constam em uma lista de verificação. Nesta lista, se enumeram os objetivos que devem ser alcançados de acordo com o programa. Em primeiro lugar enumeram-se as capacidades, competências e atitudes a ser desenvolvido, seguidos dos objetivos de todas as áreas. Este roteiro funciona como estratégia de avaliação dos alunos, dos educadores e dos pais, favorecendo uma informação detalhada a respeito do desempenho do aluno. (cf. Escola Básica do 10 Ciclo da Ponte, 2001).

Podemos dizer que na Escola da Ponte, a pedagogia dominante é a da liberdade.

Não há duas pedagogias – o modo como o professor aprende é o modo como o professor ensina. Há apenas uma pedagogia afirmada pelo professor no círculo, aquela que é a “formação como projeto, produção de vida e de seu sentido”, que é a vida e o sentido de vida de seus alunos. (PACHECO, 2010, p. 72-73)

4.6. Núcleos

Ao contrário de outras escolas, a Ponte tem uma organização muito particular que é estruturada em três núcleos: Núcleo de Iniciação, Núcleo de Consolidação e o Núcleo de Aprofundamento. Ao longo dos primeiros vinte e cinco anos do Projeto, a escola funciona apenas com o primeiro ciclo (até o 4º ano) com cerca de oitenta estudantes e uma equipe de oito profissionais. Com o crescimento da instituição, a organização de outros núcleos se fez necessário.

Os alunos que ingressam na Ponte são realocados em núcleos de acordo como seu desenvolvimento e autonomia. Segundo PACHECO (2014, p.83), “Como não existem turmas, não existe algo como “uma nova turma. Há crianças, cada uma num momento de vida com

um determinado grau de desenvolvimento e autonomia. Elas são acolhidas em núcleos, de acordo com suas características.

No Núcleo de Iniciação, há crianças com 6/7 anos, que ficam agrupadas num espaço, semelhantes a uma turma, acompanhada por dois professores. O início dos trabalhos se iniciam com a construção de autonomia, se familiarizando com as práticas de cidadania e com os dispositivos pedagógicos da escola.

No grupo dos iniciantes, os trabalhos são mais opcionais em relação ao currículo oficial. As crianças trabalham com o dia a dia, contando oralmente como foi o final de semana, desenhando o que contaram, escrevem uma palavra chave do desenho, trabalham a partir de textos coletivos explorando a escrita, a leitura e oralidade.

A partir do 2º ano as crianças continuam no Núcleo de Iniciação, porém passam para outro espaço, misturando-se com crianças que já estão na escola há dois, três, quatro, cinco anos. Nesta escola, não há rigidez e as crianças mudam de um núcleo para o outro independente da idade e anos de escolaridade, tendo que atingir os critérios estabelecidos no perfil do aluno, anexado ao projeto educativo da escola.

Do 2º ano em diante, cada criança já pode organizar o seu Plano Quinzenal e diário. Esses planos são compostos por objetivos, tanto no que se referem às atitudes quanto aos conteúdos, baseado no currículo oficial.

Na iniciação, não há professores que dedicam-se de forma exclusiva às Dimensões Naturalista e Identitária, sendo evidenciado no cotidiano, no momento em que maior parte do trabalho das crianças é centralizado nas disciplinas de Português e Matemática.

No Núcleo de Consolidação, há crianças e adolescentes do 3º ao 9º ano de escolaridade. As atividades são parecidas com o núcleo de iniciação, porém os objetivos das demais áreas de conhecimento são ampliados. Os trabalhos são a partir de Projetos, que acontecem em paralelo aos trabalhos destinados aos objetivos do currículo oficial, entretanto, há casos em que os objetivos transversalizam os Projetos.

No Núcleo de Aprofundamento, há crianças do 7º ao 11º ano. Lá há adolescentes, onde os dispositivos da Ponte parecem ter tecnologias ultrapassadas.

Ao se tratar do projeto da Ponte espera-se que os alunos façam sempre coisas diferentes, de acordo com seus próprios ritmos e objetivos estabelecidos em seus planos, de forma que as atividades ajudem para que consigam ultrapassar os objetivos curriculares e para isso trabalham em grupos de quatro ou cinco, facilitando a aprendizagem.

Há momentos semanais nos três núcleos para o trabalho de Educação Física e de Expressões Artísticas, de acordo com o currículo.

Os professores atuam como Professor- Tutor, um dos dispositivos da Escola, que assegura o acompanhamento dos estudantes e os vínculos com as famílias. Cada professor tem cerca de seis alunos que se reúnem uma vez na semana, para conversar sobre o desempenho de cada um, em relação ao cumprimento dos seus planos de trabalho e o avanço dos objetivos. É o tutor quem dialoga com os responsáveis a respeito de todas as questões, estreitando assim a relação escola- família.

Nos dias de reuniões de tutoria, o coordenador geral do projeto reúne-se com os coordenadores dos núcleos, preparando a reunião da equipe, que é realizado semanalmente. Devido essa reunião, os alunos permanecem na escola até a hora do almoço, sendo dispensados em seguida. Há três modalidades de reunião da Escola: em uma semana a parte da tarde é toda destinada para a Reunião da Equipe e na outra o tempo é dividido em um momento para Reunião de Dimensão e na outra semana para a Reunião de Núcleo. Todas essas reuniões asseguram a implementação do projeto a partir das decisões provenientes da discussão coletiva.

5. COTIDIANO

Diferente de outras escolas, as crianças da Ponte, desde cedo são motivadas a pensar e fazer suas próprias escolhas. A construção da autonomia é progressiva a partir das aprendizagens.

O compromisso pedagógico junto com a formação cidadã alimenta a construção de uma escola pública capaz de servir a todos. Ao longo dos últimos trinta anos, a Escola tem assumido essa formação como a intenção de todo o seu trabalho.

A Escola da Ponte há quatro elementos que melhor garantem o processo de formação do cidadão: O direito à palavra; a integração dos estudantes na gestão da escola; o quadro de Direitos e Deveres e todas as aprendizagens acadêmicas.

Sabe-se que o direito à palavra é uma condição essencial para todos os cidadãos e nas escolas não deve ser entendido de forma distinta. Na base da relação pedagógica, na Ponte, se faz importante o diálogo, onde os educadores e estudantes assumem a postura de integrantes de um projeto coletivo.

A maneira da Escola se estruturar leva em reflexão a intersubjetividade defendida por Habermas (1997), ao conceituar a importância do diálogo e das relações estabelecidas entre todos os envolvidos na cena educativa, estabelecendo a relação de cooperação humana e a decisão que entendem que seja melhor para o coletivo. Portanto, “o parâmetro de racionalidade e de crítica deixa de ser o sujeito cognoscente que se relaciona com os objetos a fim de conhecê-los e manipula-los, passando a ser a relação intersubjetiva” (BOUFLEUER 2001, P.14). Envolve os sujeitos entre si, considerando o conhecimento sobre um tema em debate.

Interpretar para a escola, a teoria citada efetiva-se, quando é possível a abertura dos espaços para a integração de todos, para o debate entre dois ou mais, as frequentes trocas, as entreajudas, o partilhar dos mesmos objetivos.

Sendo assim, a palavra, se constitui como um mecanismo que legitima as ações, por ser uma construção social, onde se dá o entendimento entre os cidadãos, tendo como grande desafio da escola de todos: fazer com que a linguagem seja empregado em momentos adequados ao diálogo produtor de consensos.

Ao conceder à palavra as crianças, enquanto mecanismo para haver participação, os educadores depositam total confiança nas crianças, sendo proporcional a responsabilidade com que assumem a formação cidadã das mesmas.

Por conta dessas responsabilidades depositadas nas crianças, os docentes reforçam o trabalho com o grupo da faixa etária entre 6 e 7 anos, encorajando e estimulando a descrever situações do dia a dia, questionar quando houver dúvidas, buscar conhecer o significado dos vocábulos desconhecidos. A dinâmica ao respeito de ouvir ao outro e à generosidade é vital a cultura da Escola da Ponte.

Apesar de desenvolverem propostas diferentes, na Ponte as crianças trabalham agrupadas, ocasionando o exercício do diálogo. Os grupos têm como regra: antes de solicitar qualquer ajuda do professor, é preciso acabar com as chances da dúvida, esclarecendo com os colegas do grupo, direcionando, assim, a fazerem o uso do recurso da palavra, testando hipóteses, discutindo pontos de vistas.

Na Ponte, os estudantes tanto aprendem quanto ensinam, incentivados pelos facilitadores e educadores da organização escolar centrada nas práticas de entreajuda. A propósito, nas ideias e nos estudos psicopedagógicos, Fernandez (1999, p.73) intensifica a importância da comunicação para que ocorra aprendizagem, o que não acontece em meio à passividade, porém num ato dinâmico, propondo daquele que aprende a apropriar-se do lugar de ensinante, fortificando as aprendizagens. O sujeito ensinante-aprendente da mesma forma que ele aprende, ele ensina.

Segundo a “Teoria da Ação Comunicativa (HABERMAS, 1992), para ocorrer um diálogo, se faz necessário que haja regras claras, aceitação e incorporação do grupo. De acordo com essa teoria, pessoas orientadas por alguns princípios são capazes de debater e construir as normas das ações individuais e coletivas, sendo responsáveis pelo seu cumprimento. Essa concepção se torna coerente com o paradigma pontista de formação cidadã, idealizada nas propostas de aprendizagem no espaço coletivo, onde os principais dispositivos são as assembleias, debates e reuniões.

A Ponte dispõe de dispositivos, desenvolve estratégias e técnicas pedagógicas, para que os estudantes atinjam perfis, podendo transitar de um núcleo para o outro até o momento de saída da Escola.

Promover o diálogo na escola é compreender que a palavra é capaz de formar e informar, resolver conflitos e violências físicas e moral. Implica o entendimento de que educadores e estudantes, juntos, são capazes de dividir a autoridade, a começar pela democratização do próprio uso da palavra.

5.1. Participação dos estudantes na gestão da escola

Antepondo ao item Direito à palavra, a participação dos estudantes na gestão da escola, é o segundo elemento ao qual a escola não deve se descuidar, onde favorece a formação do cidadão. Santos (2001, p.277-278), no seu questionamento acerca de uma nova teoria da emancipação, fala de uma “nova cidadania”, que implica “na obrigação política horizontal entre os cidadãos. Com isto, revaloriza-se o princípio da comunidade e, com ele, a ideia da igualdade sem mesmidade, ideia de autonomia e a ideia de solidariedade.” Praticado à escola de todos, as nações ditas por Santos se harmonizam com a prática da gestão cooperativa da escola, na forma de poder e autoridade compartilhado entre os estudantes, suas famílias e os docentes.

Integrar os estudantes na gestão da escola envolve a busca de outra forma de se relacionar, além das práticas hierarquizadas, que colocam de um lado opressor e do outro o oprimido, como ensina Freire (2005) na sua obra *Pedagogia do Oprimido*. Supõe a construção de espaços de organização dos estudantes e estratégias da pesquisa, tanto para a tomada de decisão quanto a gestão da escola. Os dispositivos pedagógicos Responsabilidade e Assembleia da Escola aparecem a todo o momento como sendo os mais determinantes para a participação dos estudantes na gestão da escola.

Entre crianças e adultos, dividir responsabilidades para o bom funcionamento da escola é agente propulsor de uma vivência na cidadania, permitindo ampliar o campo de atuação da esfera privada para pública, do individual para o coletivo. No início do ano letivo da Ponte, há encontros para debater a elaboração do quadro de Responsabilidades para o ano seguinte. A partir das categorias constantes no quadro do ano anterior, os argumentos em busca de consenso para definição das responsabilidades que devem ser mantidas, reformuladas, excluídas ou até acrescentadas.

Os grupos se juntam por uma hora, todas as semanas, para analisar o planejamento da semana seguinte, aproveitando para fazer registros em atas, apontando as conquistas e dificuldades. Periodicamente os grupos mostram resumos à assembleia de alunos. As responsabilidades funcionam para resolver as dificuldades e ajudar a escola.

A forma participativa da Ponte de se organizar e o respeito aos estudantes, segue na contramão da crítica feita por Ferreira (2004,p.83) ao se referir as práticas escolares hegemônicas que diminuem o papel dos alunos: “[...] percebe-se que há um sujeito escolar sobre o qual o predomínio é quase absoluto: os estudantes. Mesmo existindo, o seu poder de influência na escola e na educação é desprezível e desprezado.”

A gestão da escola por grupos de Responsáveis tem um papel de relevância ao corpo discente. Ao longo das Assembleias da Ponte, são realizadas comunicações entre os grupos, alterando a cada semana. Os alunos que cuidam da biblioteca comunicam a cuidarem melhor dos livros danificados, o grupo de Visitas na Ponte adotaram como estratégia ter sempre duas pessoas a guiarem os visitantes, sempre um conhece mais o funcionamento da Escola, para que o outro possa aprender com o colega.

Há um grupo do Recreio Bom, onde apresentam na Assembleia um texto inventado sobre algum tema, onde pode ser trabalhado por todos da Escola. De acordo com Pacheco (2004, p.96) na Escola da Ponte “há sobretudo, dois tipos de texto: o “texto inventado” (que é quase do equivalente do chamado “texto livre”) e o resultado da procura, seleção e o tratamento das informações, que é posto nos murais”. Freinet (1976, p.19 e 21) defende “o texto livre como base de uma pedagogia viva”, afirmando que “um texto livre deve ser realmente livre. Quer isto dizer que escrevemos quando temos alguma coisa a dizer, quando sentimos a necessidade de exprimir, escrevendo ou desenhando, aquilo que em nós se agita.”

A Assembleia é um dispositivo único da Escola da Ponte, pois reúne os educadores, alguns familiares, pessoas que querem conhecer o projeto da Ponte, e o primordial, os estudantes que estão sempre discutindo temas organizadas previamente. A comissão eleitoral durante os dias de campanha, coordena com tarefas bem definidas, os candidatos das chapas defendem as suas concepções, visitam os espaços de atividades para expor as suas ideias, debatendo entre si.

A democracia que se vive na Escola, efetiva, com a prática da assembleia, a consolidação, desde cedo, da formação cidadã, no ponto de vista de reforço à participação e à autoria, baseado em princípios e “valores morais e éticos; e o entendimento sobre como estratégias de resolução de conflitos podem contribuir para formação ética e psíquica das pessoas, bem como a transformação das relações interpessoais no âmbito escolar” (ARAÚJO, 2004, p.22).

Quando as crianças ingressam na Ponte, algumas com menos de seis anos, já tem o direito de votar e podem ser votadas. Os estudantes estão a todo momento vivendo na cidadania, com mesas de voto, urnas, publicação de resultados, lista de aptos a votarem (Anexo C).

Toda a comunidade é mobilizada com as eleições para a mesa da Assembleia, que reconhecem nesse dispositivo pedagógico a relevância da co-responsabilidade e da participação das crianças na gestão da Escola. Ao final das votações, a mesa, é composta por estudantes de ambos os sexos e de todas as idades, membros de distintos núcleos.

5.2. As aprendizagens acadêmicas

A Escola da Ponte faz um trabalho dedicado para que as crianças alcancem os objetivos e os conteúdos do currículo que é válido para todas as escolas. Porém, os pais, mães e professores demonstram ansiedade em torno dos alunos dominarem as competências ligadas às diferentes áreas de conhecimento, mas ainda sim, há aqueles que acreditam ser importante aguardar o tempo de cada criança e ampliar o conceito de formação escolar, como sugere o texto do Hino da Escola (anexo D).

A palavra ensino forma um par inseparável com aprendizagem, afinal há uma relação educativa que sempre haverá alguém mais experiente, como professor ou até mesmo uma criança que em momentos se colocará em posição de ensinante.

A pesquisa é inserida como técnica central para as aprendizagens, porém evidencia que a prática precisa ser aperfeiçoada.

A escola dá mais ênfase à Língua Portuguesa e à Matemática, sendo não aceito por todos da equipe, por acreditar que as outras áreas também são importantes. Essas áreas são vividas quando trabalha as demais. No fundo temos a ideia de interdisciplinaridade e de um currículo integrado, discutido por Santomé (1998) esta escola não vê a criança como um aluno. Vê a criança como criança, um ser aprendente, em crescimento. Essa percepção faz uma enorme diferença, que é o olhar para a criança de um modo transdisciplinar, que implica em “não só ver matemática, o português, o inglês, a responsabilidade, o ser autônomo, o cidadão e a solidariedade sobre tudo”.

A aprendizagem ocorre num contexto de autonomia e somente faz sentido quando o aluno adquire determinadas ferramentas que lhes permitem, eles próprios, a organizar sozinhos os saberes.

Faz-se necessário a todo o momento que a Ponte se estruture colocando profissionais especializados para compor a equipe da Escola, a fim de atender às necessidades de todas as crianças. Em 30 anos de projeto, a Escola responsabiliza-se por cuidar da relação número de alunos e de professores por espaço de trabalho. Não há relação pedagógica quando o professor precisa interagir com mais de uma dúzia de alunos. Salas superlotadas abrem-se caminhos para a exclusão, logo, o fracasso escolar. Um estudo de Macedo (2005) contribui de forma significativa para o debate em torno dos “fundamentos para uma escola inclusiva”, considerando que para defender uma escola de todos é importante pensar na lógica da inclusão, para assim acolher as diferenças que singularizam cada criança.

As planificações feitas pelas crianças da Ponte, a cada quinze dias, não devem ser objeto da decisão dos educadores, não surgem do nada e nem por acaso (Anexo E). Exceto os do Núcleo de Iniciação ou primeiro ano de escolaridade, onde a autonomia ainda se faz bastante incipiente, os outros fazem a gestão do currículo, que é organizado em objetivos (anexo F), separados por disciplina do currículo oficial. Essa forma de organização por objetivos foi a alternativa que a Escola encontrou de se fazer fácil a compreensão dos alunos. Nos espaços da escola, ficam dispostas nos murais as listas de objetivos para que no final da quinzena os estudantes possam avaliar com os professores- tutores se conseguiram ou não atingir os objetivos.

Em cada espaço, há professores que se dedicam o tempo todo e se responsabilizam por acompanhar o progresso dos alunos e orientam sobre os objetivos que são necessários para serem trabalhados na quinzena seguinte, analisando se conseguiram atingir aos objetivos previstos.

Os planos quinzenais contemplam todas as disciplinas e que esse plano ai servir de apoio ao professor-tutor (professor responsável pelo aluno) para que tenha consciência do desenvolvimento do aluno em cada área. O plano é feito para nos ajudar a gerir o tempo de forma a estudarmos todas as disciplinas de igual modo, não deixando nenhuma “para trás”. Fica a critério do aluno a ordem das matérias a ser estudada em cada disciplina, de acordo com as suas preferencias, contudo TODAS tem de ter o seu tempo de estudo! (PACHECO, 2014, p.92-93)

O plano da quinzena há sempre algumas datas que normalmente são relacionadas e a professora de Português apresenta a equipe caso ache que está tudo bem, para assim trabalhar em todos os espaços. As crianças dizem se querem e como querem trabalhar e depois os professores desenvolvem as atividades. A medida que cada aluno conclui a elaboração do seu Plano do Dia um professor verifica se os objetivos foram atingidos e os encaminha para os trabalhos mais adequados. Com essa prática a Ponte desconstrói os modelos contemporâneos, fundamentado no ensino, onde o planeamento é função exclusivamente executada pelos docentes.

Na Escola, os professores conseguem ter o controle do processo educacional, porém a mediação entre o currículo e as planificações são exercidas pelos próprios aprendentes. Como nas escolas tradicionais, há também os programas do Ministério a serem cumpridos, porém é realizado de forma diferente.

Ao contrário de outras escolas, a criança tem oportunidade de ter participação ativa na escolha do que quer estudar e da forma como quer realizar os conteúdos curriculares. Por haver essa construção, demonstrada no Perfil de Transição (anexo G), onde pode-se perceber

que a partir do Núcleo de Consolidação os estudantes são mais autônomos. Eles recorrem diretamente às fontes de informação disponíveis (livros didáticos, internet, atividades fotocopiadas...), sem ter o professor como intermediário. O compromisso educativo é muito maior com “a concretização de um ensino individualizado e diferenciado, referido a uma mesma plataforma curricular para todos os alunos, mas desenvolvida de modo diferente por cada um, pois todos os alunos são diferentes”. (ESCOLA DA PONTE, 2003, princípio 20).

As escolas que excluem, buscam a homogeneidade e organização pelas semelhanças e pontos comuns. Porém, “classificar é uma forma de conhecimento”. (Macedo, 2005, p.18) e sozinhos não abstraem o péssimo conteúdo da exclusão. Na Escola da Ponte, os critérios previstos no perfil do aluno, que é definido pelo o núcleo mais adequado para cada um e o momento de fazer a transição de um para o outro, sendo assim, uma forma clara que estão classificando.

A compreensão se faz de grande valia para o percurso individual de cada um, respeitando o tempo de cada aluno, os critérios são usados para eles mesmos poderem avaliar os seus limites e capacidades. Já nas práxis escolares inclusivas, o obstáculo de atingir os objetivos e atender aos critérios não é uma responsabilidade individual. Os desafios de formação e aprendizagens de uma criança não é apenas dela e sim de todos, afinal, a relação educativa envolve educadores, crianças e até mesmo as famílias. Assim sendo, a Escola reconhece a singularidade do aluno, porém não deixa de se empenhar para prepará-la para a sociedade.

Macedo (2005, p.22) argumenta que “é útil usar exemplos fortes ao analisar o problema da inclusão, para tomarmos consciência do preço do estar juntos, isto é, sairmos de uma certa idealização de que incluir sempre é bom e tranquilo.” Na concepção da inclusão, ninguém está isento de responsabilidades, todas as conquistas e dificuldades são divididas, se complementam, se implicam, crescem juntos buscando soluções para os desafios.

5.3. Instrumentos pedagógicos utilizados

Na Escola alguns dispositivos pedagógicos contribuem para a superação dos encaminhamentos que são padronizados, garantindo a singularidade do processo educacional do aluno e do trabalho na concepção de inclusão. Nas perspectivas de Cortesão e Stoer, “os dispositivos pedagógicos são estratégias e materiais aos que se pode recorrer na prática educativa, concebidos criticamente e elaborados como propostas educativas adequadas às características socioculturais identificadas pelos professores como estando presentes no grupo

com que trabalham (...) procuram também valorizar aos próprios olhos a sua imagem e do grupo a que pertencem” (1996, p.10)

Os dispositivos pedagógicos da Ponte: plano quinzenal, plano do dia, eu já sei, preciso de ajuda, aula direta, clube de leitura, requisição de livros, jogo das perguntas, registro de correspondência, acho mal, acho bem, caixinha dos segredos, textos inventados, jornal, computador e audiovisual, plano dos objetivos, cartaz dos aniversários, grelha de jogos das perguntas, comissão de ajuda, registros de avaliação, cartaz de correspondência, caderno de recados, bibliografia individual e de grupo, registros escritos, registro de projetos, poemas, registro de auto avaliação, textos livres, lista de problemas da escola e da vida, mapa de responsabilidades, plano quinzenal dos professores, projeto da Escola, registro de direitos e deveres, registro de composição dos grupos, registro da distribuição dos educadores/ tutores, planificação e registro de visitas de estudo, registro de Associação de Pais... (cf, Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

São os dispositivos promotores de uma autonomia responsável e solidária que pretendem traduzir diariamente as finalidades que a Escola e o seu projeto se propõe prosseguir. (Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

Nas seções 5.3.1, 5.3.2, 5.3.3, 5.3.4, 5.3.5, 5.3.6, 5.3.7 e 5.3.8 foram avaliados alguns dos instrumentos pedagógicos utilizados pela Escola da Ponte.

5.3.1. Quadros de ajuda

Na verdade as “aulas como são ai conhecidas” existem também na Escola da Ponte e acontecem quando um elevado número de alunos mostra ter dificuldades numa mesma matéria. O professor dessa disciplina organiza então uma “Aula direta” (é esse o nome dado na Escola da Ponte)” em que participam todos os alunos que escreveram no dispositivo “ eu preciso de ajuda” o tema em que apresentam dúvidas. (PACHECO, 2014, p.94)

Os alunos que sabem ensinam aos que não sabem. Os quadros de ajuda são frases fixadas em murais, onde está escrito “Preciso de ajuda em.” ou “Posso ajudar em...” (Anexo H).

Os alunos que encontram dificuldades em qualquer assunto colocam o assunto e o próprio nome, para que os alunos que podem ajudar consigam localizar o aluno. Embora haja uma reunião semanal com todos os tutorados, a qualquer momento o aluno pode requisitar ao professor-tutor.

Segundo PACHECO (2014, p.95), “o dispositivo “Eu já sei” pretende desenvolver nos alunos a autonomia, responsabilização e consciencialização do seu processo de aprendizagem.

Daí que não parta do orientador educativo a calendarização desse momento.” Entretanto, não significa que os estudantes deixem de manifestar qualquer insegurança, como por exemplo, alguns evidenciam dificuldades na gestão de seu tempo para o cumprimento quinzenal das tarefas escolhidas. Essas inseguranças são superadas através do diálogo, muitas vezes suficiente para o aluno entender que está preparado, tornando os mais confiantes e autônomos.

“O “Eu já sei” é um dispositivo muito importante da vida da Escola, que se consubstancia numa folha de papel (normalmente A3) que está afixada na parede. Coisa simples e complexa ao mesmo tempo.”(PACHECO, 2014,p.101)

5.3.2. Computador do “acho bom” e do “acho mal”

Existem dois computadores, onde as crianças quando estão felizes escrevem no “Acho bom” e quando estão tristes escrevem no “Acho Mal”. Esses instrumentos foram inventados para exercer o papel do desenvolvimento crítico. (anexo I)

5.3.3. A assembleia

Segundo PACHECO (2014, p.78), todo o início do ano, os alunos passam por uma espécie de eleição, onde os estudantes devem escolher algumas listas (chapas) composta por alunos de diferentes idades. Nessas listas há propostas para buscar soluções em prol da melhoria da escola. A partir dessa eleição é formada a Mesa da Assembleia com os devidos presidente, vice-presidente, secretários. (anexo J)

Toda sexta-feira acontece a reunião da assembleia junto com os professores e alunos. Um dos alunos é o Presidente e inicia a Assembleia, em que nenhum aluno interrompe o outro e os que desejarem falar qualquer assunto, levantam a mão e aguardam a autorização do Presidente para falar. Todos os assuntos tratados são registrados em ata ao final de cada reunião.

“O que podemos aprender com a experiência é a necessidade de espaços democráticos, para que se possa pensar coletivamente sobre o trabalho da escola.” (PACHECO, 2014, p.78). Na Ponte, cada criança age como um participante solidário de um projeto que os prepara para a cidadania. Com a Assembleia, os alunos aprendem a respeitar as regras, respeitar uns aos outros e decidir o que é melhor para o bem comum.

5.3.4. Os debates

São dispositivos de trabalho coletivo onde cabem a discussão de assuntos de interesse dos alunos e a gestão de conflitos. Acontecem ao final de cada dia, exceto as Sextas-feiras, onde os alunos se reúnem em Assembleia.

5.3.5. Quadros de ajuda

Substituiu o antigo “Tribunal”, aonde o ineficiente “castigo” transformou-se em “ficar e refletir” para os alunos que são indisciplinados. Quatro alunos são nomeados para a resolução dos problemas mais sérios na Assembleia. As decisões dessa Comissão são orientadas pelos Direitos e Deveres definidos pelos próprios alunos.

5.3.6. Caixinha dos segredos

Trata-se de uma caixa de papelão onde os alunos deixam recados, pedidos de ajuda, cartas e sempre que pretendem conversar em segredo com algum docente. Permite manter e aprofundar cumplicidades entre alunos e professores, equilibrando afetivamente os alunos. Esse recurso também ensina os professores a reaprender.

5.3.7. Caixinha de textos inventados

Local disponível para o recebimento de criações textuais dos alunos.

5.3.8. O quadro de direitos e deveres

O quadro de Direitos e Deveres é elaborado pelos alunos na busca do consenso, negociação e diálogo até ser legitimado por todos da escola.

Neste dispositivo, não constam muitas restrições, e os mesmos permitem libertar-se da tutela dos educadores e poderem exercer a liberdade na responsabilidade ao longo do dia.

As crianças da Ponte ficam em posição central, tendo substituído o lugar de submissão e de obediência excessiva que foi ocasionado ao longo dos anos. Deve se deixar evidente que todo grupo cooperativo só funciona em um espaço quando há disciplina necessária e respeito mútuo, havendo regras claras, observadas pelos sujeitos da elaboração. Essa construção de grupo cooperativo não fica distante da orientação do educador. Conforme a teoria Vygotskyana defende a figura do mediador social, como uma pessoa experiente que age por meio da linguagem, sendo facilitador da relação sujeito-objeto de estudo.

No quadro de Direitos e Deveres (anexo K), podemos extrair alguns exemplos como: “Sair da sala a horas e ter intervalo se trabalhar e se me portar bem; Ir ao sanitário quando necessário; Beber água quando necessário”, e os deveres “Respeitar toda a comunidade escolar, Fazer o trabalho de casa quando houver”. Dentre esses exemplos, podemos notar que essas regras não fogem muito das regras escolares brasileiras.

De acordo com Piaget, a consciência e a prática da regra é processual (Ibid., p.49-51), ele segmenta a evolução da moralidade em três etapas (anomia, heteronomia e autonomia). A anomia é a etapa das crianças até seis anos de idade e estão fortemente ligadas a hábitos motores. O hábito levará a criança a desenvolver regras individuais, afinal, nesta fase o indivíduo ainda não compreende as regras coletivas.

Piaget (1994) destaca que inúmeros acontecimentos exteriores são impostos sobre a criança a noção de regularidade, mesmo que se tenha a mínima idade. A pressão que os próprios pais exercem aos seus filhos para realizar algumas obrigações, podendo assim observar que desde o início o ser humano está o tempo todo ligado a conteúdos de regras.

A heteronomia acontece com crianças até dez anos, definida por interesses em participar de atividades coletivas e regadas. Elas concebem as regras como imutáveis, devido à crença de que são constituídas por uma autoridade. As crianças acreditam que é obrigação seguir o que foi imposto e se houver modificação estará cometendo um delito. “No tocante às regras morais, a criança intencionalmente se submete, mais ou menos por completo, às regras prescritas.” (PIAGET, 1994, p.58).

Na Autonomia, começa com crianças a partir dos dez anos. Ao contrário da heteronomia, as regras não serão impostas pelo meio exterior, e sim acordos feitos a partir do grupo. Portanto, a regulação decorrente das regras instala a autonomia, reconhecendo a heteronomia.

A partir dessas ideias de Piaget, perfis dos alunos que orientam a transição de um núcleo para o outro. Neste quadro, podemos verificar a evolução gradativa da criança em um percurso que passa pelas etapas da anomia, heteronomia e autonomia.

A distinção da Ponte com as outras escolas, é que nada está condicionado às idades e sim ao amadurecimento decorrente das práticas de interações sociais. As práticas que buscam a autonomia acontecem na valorização dos agrupamentos heterogêneos para as atividades do cotidiano, sempre com crianças de diferentes faixas etárias. Uma dupla composta de criança autônoma e criança na fase de heteronomia ou até mesmo da anomia podem apresentar a escola para um visitante e essas misturas de duplas também ocorrem em debates e trabalhos por oficinas, variando de acordo com os interesses.

As crianças desde cedo aprendem e compreendem que as regras não são resultado de uma imposição externa e sim através de práticas de grupo, coletividade a qual pertencem.

5.4. Avaliação

Em Portugal, as notas só existem a partir do segundo ciclo (5º e 6º ano) e a Ponte atende a uma formalidade do Ministério da Educação. As notas são registradas no final do ano e são apresentadas somente aos responsáveis ou estudantes que desejam solicitar. Ao contrário de outras escolas, não há divisões de períodos ao longo de um ano e as atividades se desenvolvem para que as aprendizagens aconteçam. Dessa forma, podemos observar um grande investimento para que os alunos atinjam os objetivos, não havendo uma lógica de recuperação de notas.

A criança que aprendeu determinado conteúdo, informa ao professor ligado à área de conhecimento, que já pode ser avaliado, imprimindo um caráter generoso ao processo de avaliação. No paradigma Pontista, o estudante quem diz o momento que está apto para ser avaliado utilizando o dispositivo “Eu já sei”. Esse dispositivo ajuda ao professor-tutor a detectar se o aluno está ou não a cumprir aquilo que planejou.

No momento da informação que o estudante já sabe a respeito de um conteúdo, o docente coloca-se ao lado dele e lhe dá uma atividade, com ênfase no objetivo correspondente. A criança trabalha individualmente e sem consulta. Dependendo da natureza do conteúdo, a avaliação poderá ser um diálogo entre o aluno e o professor.

Entretanto, a Escola realiza exames simulados para que os adolescentes se familiarizem com o formato dos exames nacionais do Ministério da Educação. A Ponte aplica as provas usadas nos exames do ano anterior, para título de experiência. Na Escola, há casos de alunos que avançam de um núcleo para o outro rapidamente, porém há aqueles que permanecem por mais anos em um determinado núcleo. Este último caso, acaba por entrar na lógica das pedagogias tradicionais, que entenderia que há reprovações e no primeiro caso, um processo de aceleração.

De acordo com Pacheco (2014, p.92) para cada aluno há uma tabela, onde consta todos os conteúdos que o Ministério previu. Sempre que o aluno termina seu estudo, os docentes registram a avaliação que fazem, formando assim uma ideia do trabalho que foi realizado. Esta maneira de trabalhar, “proporciona aprendizagens significativas, integradoras, ativas, diversificadas e socializadora”, permitindo que os conhecimentos adquiridos assumam permanência e haja uma utilizada maior, no olhar da aprendizagem por competências.

No olhar dos educadores, “tendo a avaliação um caráter contínuo e sistemático e por ser indispensável contemplar o ritmo de cada aluno, a avaliação praticada nesta Escola, tem por marco de referência o ciclo e nunca o ano de escolaridade. Cada criança é um ser único e irrepetível, não havendo dois alunos com idêntico itinerário de aprendizagem, sendo improvável a coincidência de níveis de desenvolvimento nas diferentes áreas de domínio cognitivo, do atitudinal, no desenvolvimento de destrezas como no das competências” (cf. Escola Básica do 1º Ciclo da Ponte, 2001).

6. A ESCOLA DA PONTE COMO PRODUTORA DE AUTONOMIA

6.1. Os próprios alunos apresentam a escola para os visitantes

Desde o primeiro momento que tive contato com os alunos ao fazer a minha visita na Escola, percebi que um dos mecanismos da Ponte para haver uma maior integração das crianças na permanente busca pela autonomia, os docentes concedem a palavra para que haja uma maior responsabilidade, assumindo assim a formação cidadã das mesmas.

As crianças que apresentaram a Escola informaram-me que há um Grupo de Visitas, onde adotam como estratégia ter sempre duas pessoas a guiarem os visitantes, sempre um conhece mais o funcionamento da Escola, para que o outro possa aprender com o colega.

Ao longo das pesquisas que realizei, pude perceber que desde cedo os docentes da Escola da Ponte buscam encorajar os alunos a inaugurarem o diálogo, ensinando a importância de compreender o que fazem e por que fazem, se tornando mais fácil os dias que apresentarem a escola e o seu projeto com maior desenvoltura fundamentadas pelas vivências de cada um.

Como foi dito ao longo do trabalho, a autonomia na Ponte é uma competência que vai se construindo e desenvolvendo ao longo de todo o percurso do aluno pelos diferentes núcleos: iniciação, consolidação e aprofundamento. Essa autonomia não se restringe ao modo como os alunos escolhem trabalhar os conteúdos, mas como processo de aprendizagem (planejamento, avaliação.)

6.2. Os alunos em projetos quinzenais escolhem o seu tema de pesquisa e se agrupam por afinidade relativa a tal tema e não por faixa etária com o seu respectivo grau de desenvolvimento cognitivo

Ao longo da minha visita na Ponte, ao observar os núcleos e fazer as pesquisas bibliográficas, posso afirmar que os grupos não são homogêneos, sempre com diferentes faixas etárias, os graus de dificuldades e os níveis de desenvolvimento são distintos e refazem-se quando novos grupos surgem. Em função das aprendizagens e dos planos de ação, os grupos mudam o tempo todo.

Devido a Ponte ter uma gestão flexível dos espaços educativos e dos tempos, acaba por proporcionar momentos de trabalho em grupos pequenos e individuais e momentos de participação coletiva.

Os alunos dos núcleos de Consolidação e Aprofundamento são mais autônomos, pois recorrem diretamente às fontes de informação disponíveis sem ter o professor como intermediário. O Dispositivo Eu já sei, favorece o desenvolvimento da autonomia nos alunos, responsabilização e consciencialização do seu processo de aprendizagem.

Dado que os alunos que planejam o que querem e o modo como querem abordar determinado tema, há sempre espaço para encontrar motivações. Em alguns casos que se faz necessário, os orientadores fornecem pistas para que a abordagem se torne mais proveitosa. Quando o aluno mostra que está desmotivado, os orientadores buscam da melhor forma abordar de uma maneira mais interessante. A metodologia do trabalho em grupo é outra forma de incentivar, na qual a entreatura e a partilha com colegas mais motivados e com menos dificuldades induzem quase sempre uma maior motivação para o estudo.

Quando as causas da desmotivação são de foro emocional, intervém a figura do professor-tutor, que, pela sua atuação próxima do aluno e da sua família, procura encontrar soluções para o problema (PACHECO, 2014, p.126).

6.3. Assembleia

Diante de todos os mecanismos da Escola, o que merece mais ênfase é o sistema das assembleias. A primeira função delas era o de criar e promover a manutenção dos direitos e deveres de todos que compunham a comunidade escolar. Esta assembleia, que funciona de maneira democrática entre todos (alunos e professores) visa ao funcionamento da escola a partir destes direitos e deveres, lidando com eventuais problemas visando assegurar o bem comum. Com isto, os alunos passam a entender as regras de uma forma diferente. Pois ao invés de lidar com imposições e respeitá-las por medo ou obrigação, passam a fazer parte de sua criação entendendo-as como valores universais, que servem para si e para o outro.

É visível a importância da democracia efetiva que é vivida na Escola da Ponte com a prática da Assembleia. A partir do momento que as crianças ingressam na Ponte e já podem votar e serem votadas, começa uma liberdade de pensamentos e a construção da autonomia, buscando desde cedo à formação cidadã.

A todo instante os alunos estão vivendo na cidadania, com mesas de voto, urnas, publicação de resultados, lista de aptos a votarem. Toda a comunidade é mobilizada com as eleições para a mesa da Assembleia, que reconhecem nesse dispositivo pedagógico a relevância da co-responsabilidade e da participação das crianças na gestão da Escola,

buscando efetivamente a melhoria da Ponte. Ao final das votações, a mesa, é composta por estudantes de ambos os sexos e de todas as idades, membros de distintos núcleos.

As regras são propostas, debatidas e aprovadas pelos alunos nas reuniões da assembleia da escola. A mesa da assembleia e a comissão de ajuda são as maiores responsáveis pelo seu cumprimento. Mas, todas se ajudam mutuamente para que as regras sejam por todas respeitadas.

Ao perguntar aos alunos e aos docentes, podemos perceber que a Assembleia é algo que encanta e já faz parte da cultura da escola. No início do ano, os alunos passam por uma espécie de eleição, onde devem escolher algumas chapas formadas por alunos de diferentes idades. Essas listas pensam em propostas para melhorar a escola. A partir dessa eleição, é formada a Mesa da Assembleia com os devidos presidentes, vice-presidente, secretários. A organização desta fica a cargo do grupo de responsabilidades da Assembleia, que é acompanhado por dois professores. Esse grupo define a pauta, quem será responsável pela ata e refletem sobre as posturas necessárias para o bom andamento das Assembleias. O funcionamento é muito interessante.

São mecanismos como esses que demonstram o grande diferencial da escola, em não ser apenas um local de ensino conteudista, mas também um ambiente de desenvolvimento pessoal autônomo, que dá ao aluno as chaves para o aprender.

O que podemos aprender com a experiência é a necessidade de espaços democráticos, para que se possa pensar coletivamente sobre o trabalho da escola. Podemos fazer isso de diversas maneiras. A Ponte apenas cria inspiração, precisamos encontrar as nossas formas. Algumas escolas no Brasil já fazem assembleias de classe, o que é um ótimo caminho.

6.4. Os alunos participam do processo de avaliação

Outro diferencial da Ponte é o de que os alunos, com o objetivo de desenvolver sua autonomia, são responsáveis pelo processo de autoavaliação. Para isso existem duas listas. A primeira “Eu já sei” é utilizada para os alunos poderem expressar quando aprenderam determinada matéria pela qual se responsabilizaram de estudar, e dessa forma poderem ser avaliados por um professor. A segunda, “Eu preciso de ajuda”, serve para o aluno clamar por ajuda de um professor quando sente dificuldades em determinado conteúdo.

A utilização do “Eu já sei” torna efetiva a avaliação. Esse dispositivo tem por finalidade estabelecer o término de uma etapa de trabalho. O trabalho desenvolvido por cada aluno, no seu dia a dia, é supervisionado pelos orientadores educativos de cada dimensão,

sendo as informações recolhidas e registradas por cada um. Facilmente os orientadores percebem se determinado aluno está ou não preparado para avaliação. A solicitação precoce do ato de avaliação, bem como a evasão da mesma, exige da parte do orientador o máximo de cuidado e sensibilidade. Em geral, a primeira ocorre quando o aluno diversificou pouco o trabalho, não conseguindo por isso compreender as suas dificuldades em tarefas com outro caráter. Neste caso, o orientador intervém conversando um pouco sobre as aprendizagens desenvolvidas e o próprio trabalho, suscitando a curiosidade do aluno para alguns aspectos descuidados, levantando algumas atividades e, acima de tudo, conduzindo o aluno, através da reflexão, a consciência do percurso a realizar, valorizando sempre o trabalho já desenvolvido por ele.

A evasão da avaliação, quando o trabalho evidencia um bom entendimento da temática, denota-se alguns alunos mais inseguros. Nestes casos, a orientação passa, novamente, pelo diálogo com o aluno e pela reflexão conjunta.

A avaliação diária contribui em muito para que estas situações sejam, cada vez mais, pontuais, já que o aluno toma maior consciência do trabalho, do rigor e da complexidade das tarefas, bem como das aprendizagens que desenvolve. O fato do aluno da Ponte poder se auto avaliar, sabendo qual é o momento e quanto tempo demora para atingir aos seus objetivos, faz com que o aluno construa dia após dia a sua autonomia.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato a concepção pedagógica da Escola da Ponte abriga especificidades que revelam a necessidade de dezenas de suportes que possibilitam a autonomia, democracia, responsabilidade e a solidariedade preconizadas no projeto educativo. A superação dos modelos hegemônicos de organização da escola e dos processos de ensino e aprendizagem, tais como: turma, ano, série, ciclos, aula direta ou expositiva, salas isoladas, monodocência, acabam por sinalizar que a Escola da Ponte, embora tenha problemas, ousa ser diferente e desenha seu próprio percurso.

Apesar de haver aspectos controversos que possam ser identificados, para quem observa o projeto da Ponte, sem ter uma leitura mais aprofundada, é normal que o visitante fique entusiasmado com o que vê. É muito difícil conhecer a experiência de tal escola sem estabelecermos padrões de comparação à escola tradicional. É absolutamente incomparável a valorização da autonomia e da responsabilidade com o que os alunos são formados na Escola da Ponte quando comparamos com o modelo reprodutor coercitivo e antidemocrático das concepções tradicionais em educação.

Em nossas escolas, mesmo que muitos aspectos tenham se modernizado, as escolas em sua maioria, ainda permanecem com as práticas tradicionais, ou seja, o professor é o detentor do saber, e os alunos passivos. A utilização exclusiva das salas de aulas, tendo como ferramentas de aula o giz, a lousa e o professor, ainda são práticas frequentes. As avaliações de uma maneira geral são em formato de provas e os alunos que ganham reconhecimento são apenas aqueles que se destacaram através das notas. Não há nenhuma forma de autoavaliação feita pelo aluno e muito menos uma avaliação coletiva do grupo. A escola tradicional nunca se adequa ao sentimento e ao desejo do aluno. Muito pelo contrário, o aluno é que é obrigado a se adaptar.

Quando pensamos em uma escola em que é praticada, nos vem à mente uma escola onde os alunos se sentem confortáveis para aprender, pois os fatores externos ao conteúdo, como por exemplo, as preferências dos alunos como cada aluno aprendem, entre outros, é levado em consideração. Através desse respeito ao aluno, é muito mais fácil motivar os jovens a aprender, pois eles estarão em um ambiente agradável e onde o aluno realmente existe.

A aprendizagem ativa na Ponte rompe radicalmente com o modelo tradicional de educação, pois trabalha em um contexto de autonomia em que são desconstruídas todas as práticas anteriores. Em oposição a essas outras escolas, as crianças da Ponte, desde novas são motivadas a pensar e fazer suas próprias escolhas e conseguem compreender que as regras

não são resultado de uma imposição externa e sim através de práticas de grupo e coletividade a qual elas pertencem ao longo das atividades.

A Escola da Ponte busca a todo o momento ausentar-se dos métodos padronizados e do modelo hegemônico, buscando uma experiência inédita. As bases do projeto foram consolidadas com as frequentes reuniões com os docentes e familiares, para definir os objetivos em um processo coletivo. A questão central na construção do projeto ao longo de todos esses anos de evolução da Ponte é a prática de cooperação, promovendo a todo instante o diálogo entre os educadores, alunos, família, escola e a sociedade. O interessante nesse projeto se dá a partir do momento que todos podem intervir e ajudar a construir o Fazer a Ponte entre a comunidade, apostando em métodos inovadores e aprendizagens diversificadas.

Como foi estudado, os dispositivos utilizados ao longo das atividades dos alunos se fazem promotores de uma autonomia responsável. Os espaços disponíveis para os dispositivos ajudam a organização escolar, valorizam diferenças individuais e propõe uma contínua obtenção de conhecimentos, estimulando sempre o aumento de contatos pessoais e a sociabilização. É preciso ficar claro que os desafios de formação das aprendizagens de uma criança não é apenas dela e sim de todos os envolvidos.

O Projeto da Escola não visa à concretização de um currículo centrado nos conteúdos disciplinares. O primordial desse Projeto não é preparar para os exames e sim educar. Por ser uma escola inclusiva capaz de melhorar a autonomia pessoal e social, os professores buscam induzir os alunos para esforço de compreensão dos conhecimentos, formando assim cidadãos responsáveis e informados.

Concluo assim esse trabalho de forma bastante impressionada com uma escola que não só lia a respeito como também a visitei. Nessa escola, pude observar a inclusão ampla e restrita de todos os perfis de alunos. Cabe ressaltar que a própria inclusão dos portadores de necessidades especiais é algo bastante presente na Escola da Ponte, pois lá podemos encontrar alunos com síndrome de down, surdos, mudos, cegos e todas as formas de alunos que são excluídos de uma maneira geral do nosso sistema de ensino. Trata-se de uma Escola viva que da vez ao desejo, ao sentimento e à curiosidade dos alunos. Nenhuma forma de dúvida é proibida, pois trata-se de estabelecer uma prática de ensino totalmente voltada a pesquisa e a solução de problemas reais e principalmente que são do interesse do aluno. Recomendo que educadores que, por acaso, leiam esse trabalho e concordem com tal concepção pedagógica, que busquem conhecê-la ou visitando ou mesmo lendo uma vasta bibliografia que já se encontra à disposição do público brasileiro. Recomendo, principalmente que os professores e diretores, caso não consigam criar um modelo similar ou próximo da Escola da Ponte que

pelo menos se inspirem nessa Escola autônoma para que, ainda de forma pequena e singela nas suas escolas, possam criar situações pedagógicas que lembrem a proposta da Escola da Ponte.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem saber que pudesse existir*. 4 ed. Campinas: Papirus, 2001.
- ARAÚJO, Ulisses F. *Assembleia Escolar: um caminho para a resolução de conflitos*. São Paulo: Moderna, 2004.
- BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia da Ação Comunicativa: uma leitura de Habermas*. 2. Ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.
- COCHITO, Maria Isabel Geraldês Santos. *Representações e Práticas de Autonomia e Cooperação na Sala de Aula: um estudo de professores e alunos do 1º ciclo*. Lisboa: Curso de Mestrado em Educação Intercultural, Universidade Católica Portuguesa, 1999.
- CORTESÃO, L e STOER, S. R. *A interculturalidade e a educação escolar: dispositivos pedagógicos e a construção da ponte entre culturas*. Inovação: revista do Instituto de Inovação Educacional, [Lisboa], v. 9, n.1/2, p.35- 51, 1996.
- CROZIER. “*Mudança individual e mudança coletiva*”. In: “VAL”, J. (org.). *Mudança social e psicologia social*. Lisboa: Horizonte, 1982, p.75.).
- ESCOLA DA PONTE. *Regulamento Interno da Escola da Ponte*. Portugal: Escola da Ponte, 2003.
- FERNANDEZ, Alícia. *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FERREIRA, Adir Luiz. *Havia uma sociologia no meio da escola*. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2004.
- FREINET, Celestin. *Para uma escola do povo*. Lisboa: Presença, 1973.
- FREINET, Célestin. (1976) *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*. Lisboa: Editorial Estampa LTDA
- FREIRE. Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.
- HABERMAS, Jurgen. *Teoria de la Acción Comunicativa: complementos y estudios previos*. Tradução de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Cátedra, 1997.
- _____. *Teoria de la acción comunicativa*. Tradução de Manuel Jimenez Redondo. Tomos I y II. Madrid: Taurus, 1992 (2ª reimp.).
- MACEDO, Lino de. *Ensaio Pedagógico: como construir uma escola para todos?* Porto Alegre: Artmed, 2005.
- NÓVOA, A. “*A formação contínua entre pessoa- professor e a organização-escola*”. Inovação, vol. 4, n.1,1991, p.71.

PACHECO, J. “*Memória e projeto*”. *Correio Pedagógico*, 74,abr. /1993, p.8.)

_____. *Para Alice, com amor*. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

PACHECO, J. PACHECO, M. F. *A Escola da Ponte sob múltiplos olhares: palavras de educadores, alunos e pais*. Porto Alegre: Penso, 2013. 152p.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Tradução de Ivete Braga. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e Interdisciplinaridade – o currículo integrado*. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO A – Entrada da Escola – Plantação com garrafas pets



Fonte: Autora

ANEXO B – Mural dos direitos e deveres

- **Todos os visitantes têm o direito de serem bem recebidos na escola;**
- **Todos os visitantes têm o direito de serem guiados/orientados por um aluno da escola, durante a sua visita;**
- **Todos os visitantes têm o direito de observar tudo o que se encontra nos murais;**
- **Todos os visitantes têm o direito de assistir às reuniões de Assembleia, sempre que possível;**
- **Mediante a disponibilidade dos orientadores educativos, no final poderão ser dados alguns esclarecimentos aos visitantes.**
- **Todos os visitantes têm o dever de se fazer acompanhar pelo Cartão de Identificação;**
- **Todos os visitantes têm o dever de desligar o som do telemóvel, quando entrarem na escola;**
- **Todos os visitantes têm o dever de não fazer qualquer tipo de registo de imagem na escola;**
- **Todos os visitantes devem respeitar as orientações dadas pelo/s aluno/s que os guiam, durante a sua visita;**
- **Todos os visitantes têm o dever de observar apenas o material que se encontra nos murais;**
- **Todos os visitantes têm o dever de fazer o máximo silêncio na escola;**
- **Todos os visitantes têm o dever de acompanhar o seu grupo de visita, não permanecendo no mesmo espaço mais do que um grupo;**
- **Todos os visitantes têm o dever de preservar as dinâmicas de trabalho, não interrompendo alunos ou orientadores educativos.**



Fonte: Autora

ANEXO C – Direito de votar



Fonte: Escola da Ponte

ANEXO D – Hino da Escola da Ponte

Aprender a Estudar (Hino da Escola da Ponte)

Estudar ã é só ler nos livros

*Que há nas escolas,
É também aprender a ser livre, sem idéias tolas.
Ler um livro é muito importante
E, às vezes, urgente;
Mas os livros não são o bastante
Para a gente ser gente.
É preciso aprender a escrever,
Mas também a crescer, mas também a sonhar.
É preciso aprender a viver, aprender a estudar.*

*Estar na Escola da ponte é estudar ,
Estar contente consigo é estudar. Refrão
Aprender com os outros, aprender consigo Bis
E ter um amigo também é estudar*

*Estudar também é repartir, também é saber dar
O que a gente souber dividir para multiplicar.
Estudar é escrever um ditado
Sem ninguém nos ditar
E, se um erro nos for apontado, é saber emendar.
É preciso em vez de um tinteiro,
Ter uma cabeça que saiba pensar,
pois, na escola da vida, primeiro está saber estudar.*

ANEXO E – Plano da Quinzena do Núcleo de Consolidação

PLANO DA QUINZENA DO NÚCLEO DE CONSOLIDAÇÃO

Plano da Quinzena nº ____ de ____/____/____ a ____/____/____

Nome _____

O meu Grupo: _____

O nosso Projecto é: _____

[illegible]

O meu grupo de Responsabilidade é: _____

Tarefa	data	hora	Rúbrica

O que vou fazer nesta quinzena, com toda a Escola:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper appears to be a standard notebook page.

As sugestões que quero apresentar na Assembleia:

Avaliação

O que aprendi nesta quinzena?

O que mais gostei de aprender nesta quinzena?

Outros aspectos que ainda gostava de aprofundar neste projecto:

Mas ainda não aprendi a... Porquê?

Avaliação geral da quinzena

Informações do Professor Tutor:

Observações do Pai/ Mãe/ Encarregado de Educação:

Observações do aluno:

Professor Tutor: _____ Data : ____ / ____ / ____

Pai / Mãe / E. Educ.: _____ Data : ____ / ____ / ____

Aluno: _____ Data : ____ / ____ / ____

ANEXO F - Mapa dos Objetivos de Língua Portuguesa

Mapa dos Objetivos de Língua Portuguesa

Escola da Ponte

Nome: _____		n.º _____	
Objectivos de Língua Portuguesa		Registos	
1	Identificar o nome próprio		
2	Identificar outros nomes		
3	Escrever o nome próprio		
4	Escrever o nome de companheiros		
5	Escrever a data		
6	Saber relatar acontecimentos		
7	Indicar palavras começadas pelo mesmo som		
8	Saber decompor a palavra em sílabas		
9	Identificar elementos comuns entre palavras		
10	Reconhecer grupos silábicos		
11	Fazer a transcrição de palavras		
12	Escrever palavras ditadas(do seu vocabulário)		
13	Escrever frases com grupos de palavras dadas		
14	Completar frases com lacunas dispondo de um modelo		
15	Saber completar frases com lacunas sem modelo		
16	Cumprir ordens de frases imperativas lidas		
17	Formular perguntas sobre um texto		
18	Escrever frases curtas inventadas		
19	Escrever frases curtas ditadas		
20	Saber utilizar a letra maiúscula		
21	Resumir histórias com elementos dados		
22	Contar e/ou recontar, oralmente, histórias lidas		
23	Listar palavras com elementos conhecidos		
24	Exprimir-se oralmente em diálogo		
25	Saber dar informações		
26	Relatar acontecimentos vividos		
27	Relatar acontecimentos imaginados		
28	Saber exprimir desejos		
29	Descrever desenhos e pinturas da sua autoria		
30	Descrever o conteúdo de fotografias ou gravuras		
31	Descrever locais visitados		
32	Comunicar, oralmente, descobertas		
33	Levantar hipóteses acerca do conteúdo de textos		
34	Escrever histórias a partir de gravuras		
35	Localizar notícias em jornais		
36	Localizar em jornais os programas de que gosta		
37	Participar de relatos em grupo		
38	Comunicar impressões de textos lidos		
39	Interpretar pedidos, recados, avisos e instruções		
40	Sequenciar acontecimentos		
41	Ler e ouvir textos próprios e de outros		
42	Saber fazer leitura dialogada		
43	Reconstruir um texto parcialmente apagado		
44	Saber reconstruir textos com frases em desordem		
45	Apreender o sentido de um texto com lacunas		
46	Interpretar fábulas, descobrindo a sua "moralidade"		

47	Comparar onomatopeias com os sons que imitam		
48	Saber identificar e reproduzir onomatopeias		
49	Saber ler textos poéticos		
50	Interpretar provérbios, adivinhas, trava-línguas, lengalengas		
51	Descobrir a importância de ler		
52	Distinguir vogais e consoantes		
53	Ordenar as letras do alfabeto		
54	Por palavras por ordem alfabética		
55	Utilizar o dicionário		
56	Dramatizar cenas e situações		
57	Dramatizar textos próprios ou de outros		
58	Dar um ou mais desenlaces a histórias		
59	Completar histórias com desenlaces conhecidos		
60	Construir histórias a partir de personagens dadas		
61	Construir histórias a partir de outros elementos dados		
62	Recriar histórias transformando os personagens		
63	Identificar intervenientes em contos		
64	Propor títulos para textos		
65	Saber promover, preparar e participar em debates		
66	Saber identificar as personagens		
67	Redigir avisos, recados, notícias, convites, etc		
68	Distinguir autor de narrador		
69	Ser capaz de enriquecer a área vocabular/lexical		
70	Conseguir uma produção escrita sem erros (correção ortográfica)		
71	Conhecer o funcionamento da ortografia portuguesa		
72	Reconhecer o's", conseguindo distinguir: "ss" e "ç", "s" e "c", "x"		
73	Saber escrever diálogos (regras e técnicas)		
74	Saber elaborar composições narrativas		
75	Aplicar relações de sinonímia e antonímia (sinónimos e antónimos)		
76	Organizar famílias de palavras e área vocabular		
77	Responder a questionários		
78	Identificar nomes		
79	Distinguir nomes próprios de nomes comuns		
80	Conhecer e distinguir nomes colectivos		
81	Identificar o género dos nomes (masculino/feminino)		
82	Verificar a regra e as excepções do género dos nomes		
83	Identificar o número dos nomes (singular/plural)		
84	Verificar a regra e as excepções do número dos nomes		
85	Utilizar correctamente o plural dos nomes		
86	Identificar o grau dos nomes		
87	Distinguir subclasses dos nomes(concretos e abstractos)		
88	Identificar determinantes e subclasses : definidos e indefinidos		
89	Identificar determinantes e subclasses: possessivos		
90	Identificar determinantes e subclasses: demonstrativos		
91	Utilizar pronomes pessoais		
92	Utilizar pronomes possessivos		
93	Utilizar pronomes demonstrativos		
94	Utilizar pronomes indefinidos		
95	Utilizar pronomes relativos		
96	Identificar adjectivos		
97	Substituir adjectivos por outros		
98	Aplicar os diferentes graus do adjectivo		
99	Utilizar o adjectivo ao serviço do retrato		
100	Saber reconhecer uma preposição		
101	Saber reconhecer uma contracção		
102	Identificar interjeições		
103	Identificar advérbios		

104	Identificar locuções adverbiais		
105	Identificar numerais cardinais e ordinais		
106	Saber classificar morfologicamente (classes de palavras)		
107	Saber utilizar os sinais gráficos de acentuação		
108	Classificar palavras quanto à acentuação tónica (aguda,grave, esdrúxula)		
109	Distinguir sílaba tónica e sílaba átona		
110	Distinguir na composição silábica monossílabos,dissílabos e polissílabos		
111	Reconhecer a importância da pontuação		
112	Utilizar correctamente os sinais de pontuação		
113	Distinguir os diferentes tipos de texto (prosa, poesia, teatro e B D)		
114	Distinguir diferentes tipos de frases		
115	Distinguir diferentes formas de frases		
116	Transformar frases (afirmativa-negativa...)		
117	Distinguir em frases os elementos fundamentais (Grupo Nominal-Grupo Verbal)		
118	Verificar a mobilidade dos elementos da frase (Grupo Móvel)		
119	Distinguir as diferentes funções sintácticas		
120	Classificar as frases quanto à sua função sintáctica- o sujeito		
121	Classificar as frases quanto à sua função sintáctica – o predicado		
122	Classificar as frases quanto à sua função sintáctica – complemento directo		
123	Classificar as frases quanto à sua função sintáctica-complemento indirecto		
124	Conhecer os complementos circunstanciais de tempo, lugar e modo		
125	Identificar nos verbos as 3 conjugações- ar /er /ir		
126	Distinguir e conjugar verbos regulares e irregulares		
127	Reconhecer nos verbos as três pessoas gramaticais		
128	Conhecer o modo infinitivo		
129	Utilizar com correção o modo indicativo		
130	Utilizar com correção o modo conjuntivo		
131	Utilizar com correção o modo imperativo		
132	Aplicar presente		
133	Aplicar o futuro		
134	Aplicar o pretérito perfeito		
135	Aplicar o pretérito imperfeito		
136	Aplicar o pretérito mais-que-perfeito		
137	Aplicar o condicional presente		
138	Reconhecer a conjugação pronominal com os pronomes pessoais-o,a,os,as		
139	Utilizar a conjugação pronominal reflexa		
140	Distinguir e aplicar a voz passiva e a voz activa		
141	Distinguir discurso directo / indirecto / indirecto livre		
142	Identificar e aplicar os verbos introdutores do discurso indirecto		
143	Distinguir palavras homófonas, homógrafas		
144	Identificar personagens principais e secundárias		
145	Localizar a acção no espaço e no tempo		
146	Distinguir narrador participante e não participante		
147	Analisar características do retrato físico e psicológico		
148	Conhecer os modos de apresentação da narrativa-narração, descrição, diálogo		
149	Saber dividir em partes o texto narrativo-introdução,desenvolvimento,conclusão		
150	Interpretar contos tradicionais		
151	Produzir contos		
152	Interpretar lendas, optando pelo trabalho de pesquisa		
153	Ler obras integrais e realizar actividades de interpretação (pesquisa,jogos)		
154	Construir livros de histórias com textos próprios		
155	Elaborar o diário do aluno		
156	Saber transformar texto em banda desenhada		
157	Saber distinguir características de textos narrativos, poéticos e dramáticos		
158	Ler, interpretar e redigir textos utilitários (carta, telegrama,postal diário)		
159	Interpretar textos poéticos		
160	Aplicar breves noções de versificação – a estrofe e o verso		

161	Aplicar breves noções de versificação – o ritmo e a rima		
162	Redigir rimas e reconhecer o seu valor		
163	Criar textos poéticos		
164	Descobrir o valor sugestivo da poesia visual		
165	Identificar recursos expressivos – comparação e metáfora		
166	Identificar recursos expressivos – personificação		
167	Identificar recursos expressivos – adjectivação		
168	Identificar recursos expressivos – repetição		
169	Reconhecer na repetição a anáfora		
170	Reconhecer na repetição a aliteração		
171	Identificar os elementos da comunicação –emissor/ receptor/mensagem		
172	Reconhecer outros elementos da comunicação –canal/ código/ contexto		
173	Conhecer textos de comunicação social (notícia, B D, publicidade...)		
174	Distinguir os vários tipos de linguagem- verbal, não verbal e mista		
175	Por em linguagem verbal,mensagens não verbais		
176	Conhecer as funções da linguagem		
177	Distinguir frase e oração		
178	Distinguir período e parágrafo		
179	Distinguir frase simples de frase complexa		
180	Distinguir frases complexas-coordenadas copulativas e adversativas		
181	Distinguir frases complexas- subordinadas temporais e causais		
182	Reconhecer a formação de palavras por composição		
183	Reconhecer a formação de palavras por derivação		
184	Conhecer afixos, sufixos e prefixos		
185	Distinguir composição por aglutinação e justaposição		
186	Participar em actividades de leitura-biblioteca, clube de leitores,etc		
187	Identificar conjunções coordenativas		
188	Identificar conjunções subordinativas		
189	Reconhecer a função das conjunções na coesão textual		
190	Distinguir vogais orais e vogais nasais		
191	Distinguir ditongos orais e ditongos nasais		
192	Decompor palavras em sílabas atendendo a ditongo e dígrafos (translineação)		
193	Utilizar pronomes interrogativos		
194	Identificar adjectivos biformes e uniformes		
195	Distinguir sujeito: simples ou composto /subentendido ou indeterminado		
196	Distinguir tempos verbais simples de tempos verbais compostos		
197	Conjugar tempos compostos com o verbo auxiliar Ter		
198	Conhecer e distinguir palavras homónimas e parónimas		
199	Reconhecer recursos expressivos-enumeração		
200	Saber fazer uma entrevista		
201	Saber fazer um resumo		
202	Saber escrever uma notícia		
203	Participar em oficinas de escrita		
204	Participar na elaboração do jornal da escola		

Fonte: Escola da Ponte

ANEXO G – Perfil de Transição dos Núcleos

Perfil de Transição do Núcleo da Iniciação para a Consolidação

► **Responsabilidade**

É pontual e assíduo e cuida do asseio e arrumação dos materiais.

Chega quase sempre a horas e só falta em situações especiais, arruma todo o seu material e alerta o seu grupo para o mesmo quase sempre que abandona o espaço.

► **Relação Positiva e de Entreeajuda**

Mantém um bom relacionamento com pares e adultos.

Relaciona-se com os outros com amabilidade e raramente entra em conflito.

► **Persistência e Concentração nas Tarefas**

É persistente e revela concentração no desempenho das tarefas.

Tenta cumprir todas as suas tarefas só solicitando ajuda quando efectivamente dela necessita.

► **Autonomia**

Toma iniciativas adequadas às situações sem intervenção alheia.

Em aspectos que dependem de si próprio toma as iniciativas que lhe parecem mais adequadas.

► **Criatividade**

Desenvolve tarefas adaptando ou recriando modelos.

► **Participação e Pertinência nas Intervenções**

Participa activamente nas actividades.

Participa com frequência nos debates e/ou discussões colectivas que se realizam. Intervém na Assembleia com alguma frequência. Na grande maioria das situações as intervenções são pertinentes.

► **Auto Planificação**

Elabora o seu plano sem apoio de outrem, actualizando-o.

É capaz de elaborar o seu plano, recorrendo ao plano da quinzena e adapta-o ao tempo e espaços que ocupa.

► **Auto-avaliação**

Reconhece o que cumpriu e quais as dificuldades sentidas.

Faz a sua auto-avaliação com elevado nível de consciência individual, indicando o que correu melhor e pior tentando, de alguma forma, melhorar no dia seguinte.

► **Auto Disciplina**

Compreende e procura cumprir as regras instituídas.

Cumprir quase sempre os deveres definidos em Assembleia e zela pelos respeito pelos seus direitos.

► **Pesquisa**

Procura e recolhe criticamente informação.

Consegue procurar informação em manuais, dicionários e livros didácticos, utiliza o índice dos mesmos.

► **Resolução de Conflitos, Senso Crítico e Decisão Fundamentada**

Emite opiniões e juízos com alguma fundamentação.

► **Concepção e Desenvolvimento de Projectos**

Identifica problemas e interesses.

► **Análise e Síntese**

Produz análises e síntese elementares.

É capaz de, em situações simples (debates, assembleia, pequena pesquisa), analisar e elaborar um discurso (oral ou escrito) que congregue os diferentes pontos.

► **Comunicação**

Comunica ideias e descobertas duma forma clara.

► **TIC**

Utiliza o processador de texto.

Perfil de Transição do Núcleo da Consolidação para o Aprofundamento

- ▶ **Responsabilidade**
Cumprir as suas responsabilidades e ajuda a cumprir as do grupo.
- ▶ **Relação Positiva e de Entajuda**
Mantém um bom relacionamento com pares e adultos. Aceita e presta ajuda a colegas e outros, sempre que solicitada.
- ▶ **Persistência e Concentração nas Tarefas**
É persistente e revela concentração no desempenho de tarefas, ultrapassando dificuldades.
- ▶ **Autonomia**
Toma iniciativas adequadas às situações, sem intervenção alheia. Revela segurança nas tarefas.
- ▶ **Criatividade**
Produz inovações.
- ▶ **Participação e Pertinência nas Intervenções**
Participa activamente nas actividades da escola. Sabe ouvir, intervir e fundamentar.
- ▶ **Auto Planificação**
Elabora, desenvolve e actualiza os seus planos individuais, explicitando as suas intenções.
- ▶ **Auto-avaliação**
Identifica o que deve corrigir e evita repetir a falha.
- ▶ **Auto Disciplina**
Cumprir os deveres instituídos e faz valer, de modo consciencioso, os seus direitos.
- ▶ **Pesquisa**
É capaz de procurar informação em diversos recursos/ fontes. Recolhe-a, criticamente, trata-a construindo conhecimento e divulga-a.
- ▶ **Resolução de Conflitos, Senso Crítico e Decisão Fundamentada**
Contribui para a resolução dos seus conflitos e para a tomada de decisões, reconhecendo e aceitando diferentes pontos de vista.
- ▶ **Concepção e Desenvolvimento de Projectos**
Mobiliza saberes para compreender e transformar a realidade.
- ▶ **Análise e Síntese**
Manifesta a utilização de processos complexos de pensamento, produzindo análises e sínteses autonomamente.
- ▶ **Comunicação**
É capaz de comunicar com coerência e clareza, diversificando os meios e os processos.
- ▶ **TIC**
Utiliza o processador de texto e pesquisa na Internet.

A análise do disposto acima terá claramente em consideração não só o nível de desenvolvimento e de maturidade do aluno, mas *idem* as suas características individuais.

Perfil de Saída do Aluno do Núcleo do Aprofundamento

► **Responsabilidade**

Cumprir e ajudar a cumprir responsabilidades do grupo e as colectivas.

► **Relação Positiva e de Entajuda**

Mantém um bom relacionamento com pares e adultos.

Permite, e procura, ser ajudado quando necessário e acorre em auxílio dos outros de modo espontâneo.

► **Persistência e Concentração nas Tarefas**

Ultrapassa dificuldades sem necessidade de ajuda e contribui para a melhoria da concentração quer dos pares quer do grupo.

► **Autonomia**

Toma iniciativas adequadas às situações, sem intervenção alheia. Revela segurança nas tarefas.

► **Criatividade**

Produz inovações com complexidade, originalidade e coerência.

► **Participação e Pertinência nas Intervenções**

Participa activamente nas actividades da escola. Sabe ouvir, intervir e fundamentar.

Apresenta propostas adequadas, busca o consenso e as suas críticas são construtivas.

► **Auto Planificação**

Elabora, desenvolve e actualiza os seus planos individuais, explicitando as suas intenções.

Colabora, igualmente, na formulação dos de grupo.

► **Auto-avaliação**

Depois de analisar o seu trabalho, corrige as falhas e procura desenvolver estratégias sob o intuito de contornar futuros obstáculos.

► **Auto Disciplina**

Vela pelo cumprimento integral das regras.

► **Pesquisa**

Procura a informação, recolhe-a criticamente e trata-a para construir conhecimento, estabelecendo associações várias.

Recorre a diversos recursos e/ou fontes.

É capaz de divulgar o seu trabalho.

► **Resolução de Conflitos, Senso Crítico e Decisão Fundamentada**

Reconhece e aceita diferentes pontos de vista.

Age activamente na prevenção de conflitos e, na existência destes, procura resolvê-los de forma serena e ajustada.

► **Concepção e Desenvolvimento de Projectos**

Utiliza correctamente a metodologia de trabalho de projecto.

► **Análise e Síntese**

Manifesta a utilização de processos complexos de pensamento.

Analisa criticamente produtos, efeitos e resultados de intervenções.

► **Comunicação**

É capaz de comunicar com coerência e clareza, adequando o meio de se expressar à mensagem, aos receptores e ao contexto em que está inserido.

► **TIC**

Utiliza o processador de texto, a folha de cálculo e o correio electrónico; apresenta informação em formato digital e pesquisa na Internet.

A análise do disposto acima terá claramente em consideração não só o nível de desenvolvimento e de maturidade do aluno, mas *idem* as suas características individuais.

ANEXO H – Mural do dispositivo Eu já sei/ Preciso de ajuda

The image shows two hand-drawn charts on a bulletin board. The left chart is titled 'Eu já sei' (I already know) and the right chart is titled 'Preciso de Ajuda' (I need help). Both charts have columns for 'Nome' (Name), 'Assunto' (Topic), and 'Data da Avaliação e Nota' (Date of Assessment and Grade). The 'Eu já sei' chart has a third column for 'Data da Avaliação e Nota' and the 'Preciso de Ajuda' chart has a fourth column for 'Data da Avaliação e Nota'.

Nome	Assunto	Data da Avaliação e Nota
Aluno 1	Assunto 1	12/05/2023 - 8,5
Aluno 2	Assunto 2	13/05/2023 - 7,0
Aluno 3	Assunto 3	14/05/2023 - 9,0
Aluno 4	Assunto 4	15/05/2023 - 6,5
Aluno 5	Assunto 5	16/05/2023 - 7,5
Aluno 6	Assunto 6	17/05/2023 - 8,0
Aluno 7	Assunto 7	18/05/2023 - 7,0
Aluno 8	Assunto 8	19/05/2023 - 8,5
Aluno 9	Assunto 9	20/05/2023 - 7,5
Aluno 10	Assunto 10	21/05/2023 - 8,0

Nome	Assunto	Data da Avaliação e Nota
Aluno 1	Assunto 1	12/05/2023 - 8,5
Aluno 2	Assunto 2	13/05/2023 - 7,0
Aluno 3	Assunto 3	14/05/2023 - 9,0
Aluno 4	Assunto 4	15/05/2023 - 6,5
Aluno 5	Assunto 5	16/05/2023 - 7,5
Aluno 6	Assunto 6	17/05/2023 - 8,0
Aluno 7	Assunto 7	18/05/2023 - 7,0
Aluno 8	Assunto 8	19/05/2023 - 8,5
Aluno 9	Assunto 9	20/05/2023 - 7,5
Aluno 10	Assunto 10	21/05/2023 - 8,0

Fonte: Escola

ANEXO J – Assembleia



Fonte: Escola da Ponte

ANEXO K – Direito e deveres

DIREITOS	DEVERES
<p>Debater os problemas e dar a minha opinião, em momentos oportunos;</p> <p>•</p> <p>Aprender com os outros responsabilmente;</p> <p>•</p> <p>Ser respeitado e ajudado pelos outros;</p> <p>•</p> <p>Ter amigos e ajudá-los;</p> <p>•</p> <p>Ser livre e feliz, sem idéias tolas;</p> <p>•</p> <p>Estudar sozinho ou em grupo, em silêncio e harmonia;</p> <p>•</p> <p>Ouvir o tipo de música que queremos;</p> <p>•</p> <p>Trabalhar responsabilmente no computador, quando necessário;</p> <p>•</p> <p>Ir à casa de banho, quando necessário;</p> <p>•</p> <p>Sair da sala a horas e ter intervalo, se trabalhar e se me portar bem;</p> <p>•</p> <p>Participar na Assembléia, de diversas formas e com responsabilidade;</p> <p>•</p> <p>Ter material em condições para trabalhar;</p> <p>•</p> <p>Ter professores e auxiliares alegres, bons e amigos, com a colaboração dos alunos;</p> <p>•</p> <p>Ter uma alimentação saudável e comer a tempo e horas;</p> <p>•</p> <p>Jogar futebol ou outros jogos com quem queremos e com quem queira jogar conosco, cumprindo as regras;</p> <p>•</p> <p>Publicar textos inventados no jornal;</p> <p>•</p> <p>Ter cabide próprio;</p>	<p>Tentar chegar a horas;</p> <p>•</p> <p>Estudar em silêncio no espaço e falar só quando necessário;</p> <p>•</p> <p>Levantar o dedo para pedir a palavra, quando quero falar ou quando preciso de ajuda;</p> <p>•</p> <p>Fazer os trabalhos de casa, quando houver;</p> <p>•</p> <p>Respeitar toda a comunidade escolar (professores, auxiliares, pais, colegas e visitas);</p> <p>•</p> <p>Ser amigo dos amigos, sem idéias tolas;</p> <p>•</p> <p>Ajudar e aceitar a ajuda dos outros, sem idéias tolas;</p> <p>•</p> <p>Poupar água e tratar bem os animais e as plantas;</p> <p>•</p> <p>Não baloiçar nem arrastar as cadeiras ou outro mobiliário;</p> <p>•</p> <p>Não mascar pastilha elástica no espaço de trabalho;</p> <p>•</p> <p>Ser limpo e arrumado no espaço de trabalho e no recreio;</p> <p>•</p> <p>Não atirar papéis ou outros objectos desadequados;</p> <p>•</p> <p>Poupar, cuidar do material escolar e guardar depois de o usar;</p> <p>•</p> <p>Arrumar os jogos depois de os utilizar e ter cuidado para não os estragar;</p> <p>•</p> <p>Cumprir, respeitar e ajudar as responsabilidades;</p>

Fonte: Escola da Ponte